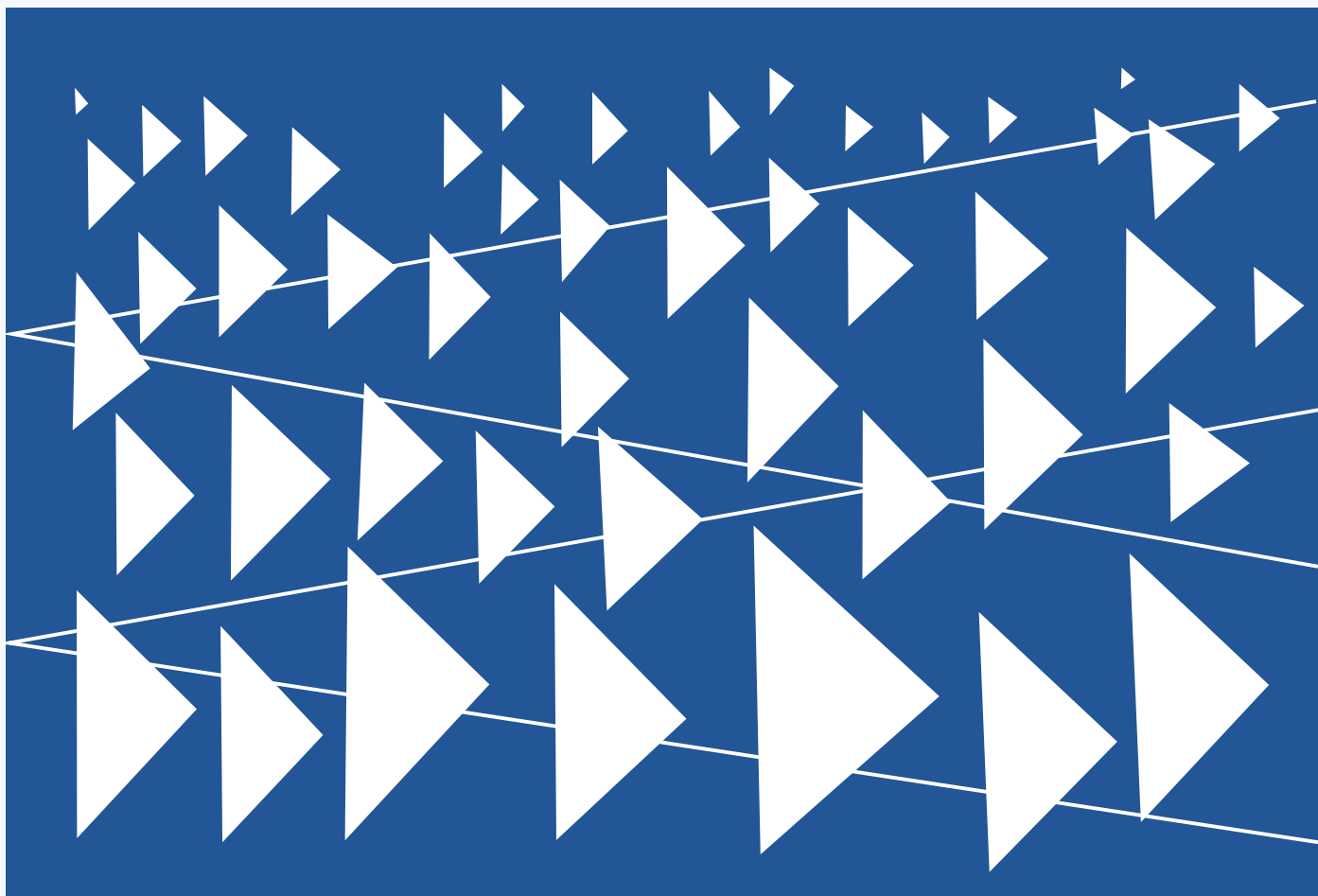


Revista
MAUC MUSEU
DE ARTE
DA UFC

Fortaleza - CE - ano 1 - nº 1 - dezembro/2021 - anual

Entrevista com
**Zuleide Martins
de Menezes**

Detalhes inéditos do período de 22 anos
em que esteve à frente do Mauc são
revelados em uma conversa entre gestoras



Floriano Teixeira

Conheça a história do artista que
integrou a equipe de criação do Museu
e que dá nome à nossa biblioteca

Gilmar de Carvalho

O núcleo do desenvolvimento de uma teoria
da periferia estaria nas obras ficcionais
lançadas pelo autor a partir dos anos 70

Revista
MAUC MUSEU
DE ARTE
DA UFC

EXPEDIENTE

José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Reitor

José Glauco Lobo Filho

Vice-reitor

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Diretora da Secretaria de Cultura da UFC - Secult UFC

Graciele Karine Siqueira

Diretora do Museu de Arte - Mauc

CONSELHO EDITORIAL DA UFC

Presidente

Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto

Conselheiros

Joaquim Melo de Albuquerque

José Edmar da Silva Ribeiro

Felipe Ferreira da Silva

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Prof^ª. Ana Fátima Carvalho Fernandes

Prof. Guilherme Diniz Irffi

Prof. Paulo Rogério Faustino Matos

Prof^ª. Sueli Maria de Araújo Cavalcante

EQUIPE EDITORIAL: Graciele Karine Siqueira, Larisse Macêdo de Almeida,
Saulo Moreno Rocha, Thaís Amorim Aragão

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Thiago Nogueira de Freitas

REVISÃO: Leonora Vale de Albuquerque

OBRA DA CAPA: Francisco Bandeira,
sobre obra de Zenon Barreto

EDITORIAL

O que é um museu? Para que ele serve? Há muito tempo, os profissionais, pesquisadores e teóricos da museologia mundial discutem o papel e a função social dos museus na sociedade contemporânea, assim como também a sua definição, em termos conceituais. Mas apenas recentemente é que aqueles que atuam todos os dias nesses espaços vêm se conscientizando da sua própria importância para a produção e a escrita técnica e acadêmica.

Os museus são instituições intimamente vinculadas ao conhecimento e à disseminação da informação desde os Templos das Musas, na Grécia antiga, quando o termo *Museum* aparece. No ano de 2021 do século XXI, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, o nosso Mauc, completa 60 anos de atividades ininterruptas. Por natureza, é um museu de vocação para o ensino, a pesquisa e a extensão – o firme tripé que fundamenta a missão das universidades brasileiras. Além disso, trata-se de um museu inquieto e experimental.

Por estes motivos, lançamos agora a Revista Mauc. Esta publicação editada institucionalmente vem apresentar ao público o resultado das pesquisas internas realizadas pelos servidores e bolsistas. Pesquisadores e convidados externos também participam, deixando sua contribuição a estas páginas. Com a Revista Mauc, vamos ter a oportunidade de conhecer personagens e figuras, momentos e exposições, artistas e profissionais que por aqui passaram ao longo deste tempo. Esperamos que você tenha uma ótima leitura!

Equipe da Revista Mauc



SUMÁRIO

**ENTREVISTA
Especial
Zuleide Martins**

8



16



36



APRESENTAÇÃO

**ESPAÇOS MAUC
Floriano Teixeira:
O Artista Ecumênico**
Larisse Macêdo

Cordéis exibidos no sumário

Disponíveis para consulta local na Biblioteca Floriano Teixeira

- Uma é pouco... duas é bom... três é demais, de Breno de Holanda
- O oculista de Cabral, de Breno de Holanda
- Mandamentos do Padim Ciço, de João Pedro do Juazeiro
- Zezim Fulô, de Breno de Holanda
- O encanto de Gilmar, de João Pedro do Juazeiro
- A peleja dos trigêmiôs com o engulidor de frevo, de Breno de Holanda
- O homem que virou macaco, de João Pedro do Juazeiro
- O revés do Caçuá, de Breno de Holanda

HOMENAGEM

**RAP de rabeça para
Gilmar de Carvalho**
Eleuda de Carvalho

**COLEÇÕES DA UFC
Produzindo e salvaguardando
o patrimônio sonoro**

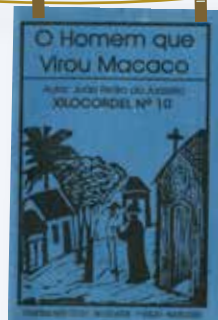
42



51



62



66



**MEMÓRIA EXPOSITIVA
Quantas exposições
cabem em 60 anos?**

Auricélia França
Graciele Siqueira
Maria Júlia Ribeiro

**PRÊMIO
Uma marca
cor de bronze**



Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque
Reitor da Universidade Federal do Ceará

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc) comemora a chegada aos 60 anos de existência cada dia mais jovem e inovador, tanto em sua essência quanto em suas ações. Em paralelo à efeméride, lança, agora, o primeiro volume de uma publicação institucional própria, a *Revista Mauc*, que inaugura sua trajetória dentro do espectro da edição de 2021 dos Encontros Universitários, organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC.

Para compreender o percurso singular trilhado pela instituição, que tanto nos orgulha, é preciso voltar ao passado. Mais precisamente até 25 de junho de 1961, quando nascia o Mauc, no âmbito das celebrações do sexto aniversário da Universidade do Ceará, mais tarde Universidade Federal do Ceará. É preciso reconhecer o amor às artes e o visionarismo do fundador da UFC, Prof. Antônio Martins Filho, ao presentear a sociedade brasileira, em especial a cearense, com uma coleção ímpar de obras de cultura popular e das chamadas artes eruditas ou clássicas, formada a partir de 1957.

Dado o apreço do primeiro reitor pela missão, abraçada com afinco, de institucionalizar um museu na Universidade, ele não mediu esforços para dar forma ao sonho. Investiu recursos em viagens de estudos e na aquisição das primeiras obras do acervo Mauc; adquiriu um prédio recém-desocupado e, logo em seguida, construiu uma sede propícia à atividade museológica; destinou verbas a fim de garantir e manter uma programação de qualidade. Os anos iniciais foram fundamentais para o fortalecimento do Museu como um espaço

acessível e inclusivo para todos os cidadãos cearenses. Não tardou para que se consolidasse como um lugar de encontros, trocas e confluência das artes no Estado do Ceará.

O Mauc é reconhecido nacional e internacionalmente pelo patrimônio artístico e histórico que, cuidadosamente curado, tem estado sob sua responsabilidade ao longo destes 60 anos de existência e atuação em nosso Estado. Em paralelo, o justo reconhecimento também vem pelas políticas institucionais de preservação, salvaguarda, pesquisa e comunicação desse precioso conjunto.

Expoentes atemporais da arte estrangeira – como Rembrandt van Rijn, Pablo Picasso, Joan Miró e Albrecht Dürer – estão em nossas paredes junto com esculturas, matrizes e gravuras de diversos mestres tradicionais do Nordeste (Sala Cultura Popular), ladeadas por espaços dedicados aos mais relevantes nomes das belas-artes de nossa terra, como Raimundo Cela, Descartes Gadelha, Aldemir Martins, Antonio Bandeira, dentre outros.

Ao longo deste período, o Mauc se reinventou de diversas formas e mostrou a face forte do tripé ensino-pesquisa-extensão: abriga programas de bolsas institucionais desde a década de 1990; tem investido fortemente na qualificação profissional do seu corpo técnico-administrativo; mantém, à disposição de memorialistas e pesquisadores, uma biblioteca e um arquivo especializado, ambos com destacado valor patrimonial; já abrigou em suas instalações importantes palestras, cursos, workshops, rodas de conversa, defesas de monografias, dissertações e teses; desde sua gênese, foi, ao mesmo tempo escola e espaço de



Reitoria da UFC - Foto: Viktor Braga / CCM UFC

expressão artística para os jovens aspirantes ao campo; está conectado via site desde 1999 e conseguiu reinventar-se por meio da experiência museológica digital em meio à pandemia do novo coronavírus... Por fim, já abriu ao público quase 500 exposições, seis das quais virtuais, pensadas para o atual contexto, extremamente desafiador em escala mundial.

Por falar em pandemia, depois de mais de um ano e meio de isolamento e cuidados, nunca ficou tão visível para a humanidade: a arte e a cultura salvam. O mundo foi pego de surpresa pela crise sanitária causada pelo novo coronavírus. Porém, ao mesmo tempo que trouxe desafios, a situação adversa mostrou a capacidade de a UFC e o Mauc se reinventarem. Durante tempos tão adversos, muitas foram as conquistas de nossa Instituição, com a retomada e entrega de obras há muito aguardadas por toda a comunidade acadêmica. Sairemos, certamente, maiores do que entramos na pandemia, convertendo a UFC em um farol de resiliência e inovação face a tempos tão difíceis.

Nosso Museu inovou com o lançamento desta publicação, que certamente trará uma contribuição ímpar para a difusão do Mauc e da cultura cearense. A partir do presente momento, vamos ter a oportunidade de adentrar as histórias e as memórias desse espaço, entender o tempo presente que estamos vivenciando e prospectar o potencial do futuro. Em um contexto em que o acesso à educação artística ainda é, infelizmente, privilégio, enche-nos de esperança saber que ajudamos a criar terreno fértil para o florescimento de novos artistas, historiadores da arte e segmentos de público. Eis uma de nossas atribuições sociais e institucionais mais importantes: trabalhar incansavelmente para que tais experiências estéticas e de formação cheguem ao mais amplo número de pessoas, possibilitando que brilhem, criem e inovem em seu máximo potencial.

Por isso, desejamos vida longa e sucesso a esta publicação que acaba de nascer! Que seja um marco para nossa instituição e uma referência para o Brasil. **M**



Maria Pinheiro Pessoa de Andrade
Diretora da Secretaria de Cultura da UFC – Secult UFC

O Mauc – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará é um equipamento cultural de notória atuação no Estado do Ceará que, desde sua criação na gestão do então reitor Antônio Martins Filho, em 1961, destaca-se por seu compromisso e esforço em promover ações inovadoras, criativas e continuadas, voltadas para toda a sociedade. No seu aniversário de 60 anos, o Mauc acumula significativas contribuições para as artes plásticas do Brasil, dando oportunidade para inúmeros artistas exporem suas artes e participarem de ações formativas, extrapolando os muros da Universidade, promovendo, assim, o acesso à cultura, a circulação e a valorização das obras e dos artistas que passaram por suas disputadas salas de exposições.

São inúmeras as conquistas desde sua estruturação como um museu universitário que reúne um acervo diverso e expressivo da produção artística brasileira – em especial, a cearense – e também como um importante espaço formativo, que transborda conhecimento e práticas artísticas em diversas ações culturais. As muitas exposições já realizadas no Museu são exemplo da grandeza que o equipamento cultural mantém em sua potente história.

Ao longo dos anos, seu acervo foi crescendo e, atualmente, suas coleções artísticas são compostas por peças de arte sacra, arte popular, telas de artistas plásticos do Ceará, de outros estados e também artistas de outros países. É um conjunto que destaca a produção regional e se vincula às práticas e reflexões de artistas reconhecidos, como Raimundo Cela, Antonio Bandeira, Chico da Silva, Sérvulo

Esmeraldo, Descartes Gadelha, entre outros. Além de abrigar a coleção de arte estrangeira, seu vasto acervo contempla a cultura popular representativa da região Nordeste, com uma coleção de ex-votos e uma de xilogravura.

Como em uma viagem, temos a expectativa pelo começo, as aventuras do acontecer e a saudade do que foi vivido. Ficamos com muita saudade quando o Mauc teve que fechar suas portas em 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus que assolou o mundo e nos distanciou das visitas aos museus e outros espaços culturais. Diante disso, o Museu mostrou-se mais uma vez sensível às novas ideias, buscando na tecnologia formas de quebrar as barreiras e de proporcionar ao público experiências no ambiente virtual. Destacamos, assim, a *Exposição Virtual – Arte em Tempos de Covid-19*, primeira exposição realizada de forma virtual pelo Mauc. Ela representou também o reforço de vínculos pré-existentes e o estabelecimento de novas afinidades entre o Museu, a Arte e a Sociedade.

Neste rico percurso, ressaltamos a característica do Mauc de ser atuante e resiliente, sempre inovando em suas ações. Isto acontece, por exemplo, com relação ao acervo e às exposições que já foram realizadas, seja com artistas cearenses renomados como Stênio Burgos, Antonio Bandeira e Estrigas, e com mestres da cultura popular como Espedito Seleiro, e também abrindo espaços para as diversas expressões, como com a exposição *Design por Mulheres*. O mesmo ocorre, neste período da pandemia, com as ações online, as exposições e os projetos artístico-culturais. O Museu de Arte da UFC é um equipa-



UFC Arte - Orquestra UFC - Foto: Rômulo Santos / Acervo Mauc

mento cultural que está incessantemente buscando se empenhar e contribuir, com excelência, para o campo artístico do Ceará e do país.

Neste período pandêmico de grandes adversidades, a Secretaria de Cultura da UFC (Secult UFC) tem apoiado o Mauc em seus projetos e ações. Podemos mencionar o *I Seminário Museus e Coleções da UFC – Reflexões Contemporâneas*, realizado na 19ª Semana Nacional de Museus, quando foi realizada uma ampla programação, contribuindo para o conhecimento e reflexão sobre os acervos da UFC. Soma-se a este apoio as articulações para a estruturação do equipamento cultural, o fomento de ações culturais e o esforço conjunto para fortalecer as políticas culturais da Universidade.

Dentre as atuações do Mauc, destacam-se a preservação do patrimônio artístico do Ceará e o estímulo, por todos os meios a seu alcance, ao desenvolvimento dos projetos e ações com enfoque na divulgação e no reconhecimento de obras e artistas e o intenso comprometimento com a educação museal, manifestado com a criação do Núcleo Educativo do Mauc, em 2019. Dessa forma, o Museu cumpre funções primordiais para o campo cultural da Universidade, como a preservação do patrimônio artístico, a fomento cultural e a formação artística.

O marco de completar 60 anos nos mostra que a melhor forma de o Museu contribuir com a valorização das expressões artísticas do estado, principalmente as que estão inseridas em seu acervo, é manter a resiliência e o esforço em promover ações continuadas, voltadas para toda a comunidade, e em diálogo com a sociedade.

A *Revista Mauc* representa, portanto, mais um passo de suma importância para o fortalecimento da sua história, do seu acervo artístico e de suas ações culturais. É com grande entusiasmo que desejamos sucesso e longevidade a esta iniciativa, que nasce em um contexto desafiador e que se configura como um relevante espaço de difusão de conteúdos sobre as artes, memórias, patrimônio artístico-cultural e produção cultural.

Todo o legado do Mauc é resultado intrínseco do trabalho da sua equipe durante estas seis décadas. Finalizo, portanto, agradecendo e parabenizando a dedicação de todos os servidores, terceirizados e bolsistas que colaboraram com a história do Museu. Hoje, eles fazem parte da afetiva memória da instituição, construída também pela valorosa atuação dos diretores e das diretoras que estiveram na gestão do Mauc neste período. Ambos são detentores de um papel medular nesta fecunda trajetória.

Viva o Mauc! Viva seus 60 anos!





Graciele Karine Siqueira
Museóloga e Diretora

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC, órgão suplementar vinculado à Secretaria de Cultura Artística da UFC, une tradição e inovação nas suas ações e atuações no campo dos museus universitários e da museologia brasileira. Seu processo de imaginação e criação é permeado pelo planejamento e pelas articulações estratégicas internas e externas, e de um forte senso de responsabilidade com a formação humana, educacional, cultural e artística da sociedade cearense.

Inaugurado e aberto ao público em 25 de junho de 1961, dentro das atividades de celebração do 6º aniversário da então Universidade do Ceará, o Mauc é considerado o terceiro museu universitário brasileiro cujo acervo é voltado para a preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio artístico sob sua guarda. Seu projeto de idealização foi pensado a partir do lema e compromisso da instituição educacional ao qual está vinculado: *“o universal pelo regional”*. Vem abrangendo, portanto, a produção criativa para além das fronteiras do Estado do Ceará, com representação da produção regional, nacional e internacional em seu conjunto museológico.

Ao longo dos seus 60 anos de existência e atuação, o Mauc se mantém como o lugar de confluência da arte em nosso estado, recriando-se a cada passagem de gestores pela administração pública federal, pela Reitoria da UFC e pelas instâncias ao qual já se vinculou e a que hoje se encontra vinculado. Casa criada pelo fundador desta universidade, professor Antônio Martins Filho, o Museu já acolheu como gestores o artista plástico Floriano Teixeira (1961-1963), o assistente em administração

Lívio Xavier Júnior (1963-1964), a servidora de carreira Zuleide Martins de Menezes (1965-1987), o professor Pedro Eymar Barbosa Costa (1987-2018). Como gestores interinos, contou ainda com Alba Mesquita Frota e Vitalina Frota Leitão, no início da década de 1960, e com o professor José Liberal de Castro, entre 1985 e 1987.

A partir da documentação primária institucional, para além do papel dos diretores do Mauc, do reitor-fundador e demais reitores da UFC, é possível ainda analisar a passagem de aproximadamente cem servidores técnico-administrativos e terceirizados e de mais de quatrocentos bolsistas, estagiários e voluntários pela instituição. Ao longo do período de 1961 a 2021, foram realizadas quase quinhentas exposições, das quais nove foram aconteceram em ambiente virtual e dentro do contexto pandêmico de 2020 e 2021. Ainda falando em números e cifras, já circularam pelo Museu mais de 500 mil visitantes. Pelas redes sociais, mais de 25 mil internautas acompanham o Mauc.

O acesso às fontes primárias tem nos permitido conhecer, aprofundar e revelar detalhes que estavam esquecidos ou adormecidos em relatórios anuais e projetos institucionais. Nelas, encontramos e podemos revelar ações experimentais e vanguardistas pensadas, executadas e relatadas pelos agentes que estiveram à frente da instituição, e por tantos colaboradores citados nos relatórios anuais de atividades, fotografias e catálogos de exposições.

Nos anos iniciais, em seu pioneirismo, destacamos os investimentos na aquisição da primeira sede e na construção de um prédio adequado para as fun-



Visitação de grupo de estudantes - Foto: Acervo Mauc

ções museológicas, além da destinação dos recursos para aquisição e formação de um acervo referenciado pela história da arte brasileira. Cursos e oficinas voltados para as artes visuais foram ofertados e houve esforços para a formação e capacitação dos agentes e profissionais do Mauc. Destaca-se a presença, a partir de 1967, do museólogo Henrique Medeiros Barroso, profissional formado pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional e último bolsista do Governo do Ceará ali, entre 1964 e 1966.

Nestes 60 anos, o dinamismo do Mauc também advém da articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Apesar da alcunha dada aos museus como lugares de coisas velhas, coisas antigas, o nosso Museu de Arte, museu universitário desde a gênese, se mantém como um lugar de memória, de movimento, de ação, de reflexão e de resistência.

O lançamento deste primeiro volume da *Revista Mauc* acontece nos Encontros Universitários 2021, em mais uma edição do maior evento acadêmico promovido pela Universidade, sob organização da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PR-PPG). O fato traz à tona o potencial do Museu de Arte da UFC para a pesquisa e a produção acadêmica institucional, e para o protagonismo dos profissionais e bolsistas lotados na instituição – exercendo, neste momento, o papel de pesquisadores e organizadores.

Com a *Revista Mauc*, que tem previsão de ocorrência anual, vamos ter a oportunidade de conhecer as histórias e memórias deste Museu, de dentro para fora. Para isso, contaremos também com a participação especial de parceiros e parceiras externas na elaboração de textos, crônicas e homenagens especiais a personagens que fazem parte da trajetória desta



Mauc - Sala dos Fundadores - Foto: Ribamar Neto / CCM UFC

instituição museológica. Por fim, fico a me perguntar: quantos personagens vamos desvendar e conhecer, para além dos gestores e artistas que passaram por aqui? E mais: o que podemos esperar de uma revista institucional e de um museu universitário? Se você tiver ideias e desejos sobre o que a publicação poderia trazer a público, estaremos à escuta.

Neste ano em que o Museu de Arte completa 60 anos, fico honrada em estar à frente desta instituição como gestora, compondo a equipe que idealiza e elabora a *Revista Mauc - Volume I*. Vida longa aos museus, à educação, às universidades e à ciência brasileira.

Neste ano em que o Museu de Arte completa 60 anos, nos 66 da Universidade, fico honrada em estar à frente desta instituição como gestora, compondo a equipe que idealiza e elabora a *Revista Mauc - Volume I*. Ao longo deste ano, em decorrência da pandemia de Covid-19, muitos foram os desafios pessoais, profissionais, acadêmicos e institucionais para colocarmos em prática o sonho da organização e realização desta produção

editorial. A *Revista Mauc* ganha forma e chega às nossas mãos por meio de um trabalho dedicado, empenhado e voluntário de pessoas e profissionais, parceiros internos e externos à UFC, que compreendem a importância de recuperar e tornar pública esta memória institucional.

Muitos são os agradecimentos àquelas pessoas que vêm a somar e fazer desta revista uma nova experiência artística, educativa e informativa do Museu de Arte da UFC. Finalizo agradecendo a Adelaide Gonçalves, Eleuda de Carvalho, Zuleide Martins de Menezes, Francisco Sousa, Pedro Eymar Barbosa Costa, Paulo Elpídio Bezerra de Menezes Neto e, *in memoriam*, Gilmar de Carvalho e Floriano Teixeira, pelas importantes contribuições a este Museu. Agradeço ainda a Auricelia França, Júlia Ribeiro, Kathleen Raelle, Larisse Macedo, Leonora Vale, Thaís Aragão, Saulo Moreno e Thiago Nogueira pelo empenho neste número inaugural.

Boa leitura, e vida longa aos museus, à educação, às universidades e à ciência brasileira! **M**

MUSEU DE ARTE DA UFC

MAUC



UFPE

Zuleide Martins de Menezes:

Valorizar, unir e formar nas artes plásticas



À frente do Mauc por um período de 22 anos, desde a inauguração das instalações próprias do Museu até o fim dos anos 1980, Zuleide Martins de Menezes finalmente é chamada a revelar alguns detalhes sobre sua gestão, marcada pela criação das salas dos artistas Bandeira, Aldemir e Cela, pela realização das exposições temporárias, pelo investimento na formação profissional da equipe e pela documentação do acervo.

O tom distinto da entrevista deve-se ao fato de que ela não foi gravada em um encontro presencial. Como uma espécie de troca de cartas, a atual diretora do Mauc, a museóloga Graciele Siqueira, enviou perguntas para dona Zuleide, que caprichou na escritura das respostas. Esta conversa entre gestoras é uma oportunidade rara de entender as memórias e lacunas da história do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.

O ponto de partida são as lembranças e vivências de Zuleide, primeira diretora mulher do Mauc e responsável pela consolidação das políticas culturais e museológicas planejadas e implantadas entre 1965 e 1987. São informações e curiosidades que não são encontradas em artigos, dissertações e teses sobre o Museu. Por isso, devemos um enfático agradecimento à entrevistada desta primeira edição da Revista Mauc, por sua disponibilidade e generosidade em compartilhar sua experiência, que não nos diz apenas sobre sua passagem pelo Mauc, mas também sobre a agitação da comunidade artística de Fortaleza naquele momento e sobre o próprio entendimento da UFC como berço das universidades cearenses.

Além da contribuição de Zuleide Martins de Menezes, teremos ainda a participação do professor Paulo Elpídio de Menezes Neto, reitor da UFC entre 1979 e 1983. Nas próximas páginas, ele também compartilhará conosco suas lembranças relacionadas às artes. Uma ótima leitura!

Revista Mauc – Gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a menina e a jovem Zuleide Martins de Menezes. Onde você estudou e quais eram seus sonhos para o futuro? Durante a sua formação educacional, estudou artes ou se imaginou como artista?

Zuleide Martins de Menezes – Antes de tudo o mais, devo agradecer o convite para esta entrevista, que me foi dirigido pela professora Graciele Siqueira, a quem foi atribuída a missão honrosa, diria eu, de dirigir uma das instituições culturais de maior prestígio e tradição no Ceará, no campo das artes plásticas e da arte popular. Em 33 anos, desde que concluí as tarefas que me foram incumbidas no Mauc, é a primeira vez que retorno, simbolicamente, à velha casa, à qual emprestei o meu trabalho e dedicação por 26 anos. Poderia ter retornado antes, não fora o longo período de ausência do Ceará, com residência em Brasília e no Rio de Janeiro, acompanhando meu esposo no desempenho de encargos que se alongaram por muitos anos.

Nasci em Caxias, Maranhão. Acompanhei minha família, ainda criança, para Fortaleza. Aqui se instalariam os Carvalho-Martins, criariam seus filhos e netos, em uma grande família, nesta cidade que adotei como minha. Cursei as séries iniciais do então curso primário e, em seguida, o ginásial e o curso de formação pedagógica (designado Curso Normal), no Colégio de Nossa Senhora do Sagrado Coração das irmãs Doroteias. Animava a jovem estudante o projeto de seguir a carreira do magistério como profissão, de fazer-me professora, como ocorria às moças por aqueles tempos; lidar com crianças, compartilhar com gente tão nova as descobertas e os desafios que a educação oferece, na aventura do aprendizado. No Curso Normal, o currículo da formação pedagógica seguia orientação direcionada para o magistério primário e compreendia todas as disciplinas do currículo oficial em vigor. Ciências, letras e conhecimentos gerais, inclusive sobre artes (música, pintura etc.) incluíam-se na grade curri-



Quando assumiu o Mauc, Zuleide era secretária do reitor Martins Filho, seu pai e fundador da UFC

cular do que era chamado como Curso Normal. Durante os anos passados nessa estimulante comunidade de professores e alunos, colhi orientações preciosas que me abririam os olhos para a vida.

Conte-nos um pouco sobre os cursos de especialização realizados no Museu do Louvre e na Escola de Línguas da Sorbonne. De que forma eles contribuíram para sua atuação frente ao Museu de Arte?

Muito jovem, iniciei minha vida profissional na Universidade Federal do Ceará, instalada em 1955. Exerci as funções de oficial de gabinete da reitoria e secretária do reitor na fase inicial de instalação e consolidação da primeira universidade do Ceará. Ao termo desse longo aprendizado, fui deslocada para o Museu de Arte, quando exercia a direção Lívio Xa-

vier Júnior, segundo diretor do Mauc, após a gestão de Floriano Teixeira. Estes foram os tempos pioneiros, durante os quais o Mauc ganhou estrutura e as peças que constituíram, inicialmente, o seu acervo.

Logo após, assumi a breve administração de Lívio Xavier, que se transferira para o Recife. Lívio imprimiu ao Museu o perfil que predominaria nos anos subsequentes, consolidando a vocação regional que marcara a sua criação pelo reitor Antônio Martins, fundador e primeiro dirigente da UFC, em repetidos mandatos que se estenderam de 1954 a 1967. Floriano Teixeira e Lívio Xavier Júnior foram responsáveis pela constituição inicial do acervo do Mauc e pela identificação dos campos temáticos que lhe haveriam de conferir natureza própria e referência em toda a região. Ao empreendimento, não faltaram a colaboração e a criatividade de artistas cearenses, muitos deles consagrados nacional e internacionalmente, a exemplo de Antonio Bandeira, Sérvulo Esmeraldo, Heloisa Juaçaba, Estrigas, Zenon, Nercio, Helio Rola, Sérgio Lima, Aderson Medeiros, Maurício Cals, José Tarcísio, Roberto Galvão, Barrica, Descartes, José Fernandes, Sérgio Pinheiro e os mais jovens que foram sendo formados à sombra do Mauc. Dentre as instituições artísticas cearenses locais, valeria citar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) e a Academia Cearense de Letras.

Nomeada diretora, nestas funções que muito me honram e distinguem, dois desafios se apresentavam como prioridades a atender: a consolidação da administração incipiente do Mauc e a adoção das técnicas básicas de conservação do acervo e iluminação e refrigeração ambiente das salas de exposição e dos depósitos, aos quais haviam sido recolhidas peças, telas, esculturas, tacos e matrizes de gravuras populares e uma imensa coleção de impressos de literatura de cordel. Saliente-se que, à medida que o acervo crescia e se expandia em decorrência de doações e aquisições sistemáticas, impunha-se como medida urgente o treinamento de servidores e a sua familiarização com as técnicas documentais de registro das obras, tais como identificação, referência e descrição do material utilizado etc. Essa preocupação ensejaria, ao fim de pouco tempo, a elaboração do Catálogo do Mauc, com a sua constante atualização, até o ano de 1987, quando me retirei da direção, em decorrência de aposentadoria. Não pude ver realizada, entretanto, a sua publicação.

Pessoalmente, submeti-me a treinamento e a cursos de especialização, tais como o Curso de Iluminação e Climatização de Acervos de Museus, promovido pelo *International Council Museum* – ICOM, associado à UNESCO, no Rio de Janeiro, em 1981. A vinda de técnicos e especialistas na gestão de museus (CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas e do ICOM/UNESCO, mediante convênios regulares de cooperação) permitiu que as oportunidades de treinamento fossem compartilhadas com servidores do Mauc e servidores de outras instituições artísticas do Ceará.

Ao assumir a direção do Mauc, em 1965, tive a oportunidade de submeter-me a treinamentos e



Personalidades no Museu:
Fran Martins, Antonio Bandeira,
Tônia Carrero, Milton Dias
e Beatriz Landau

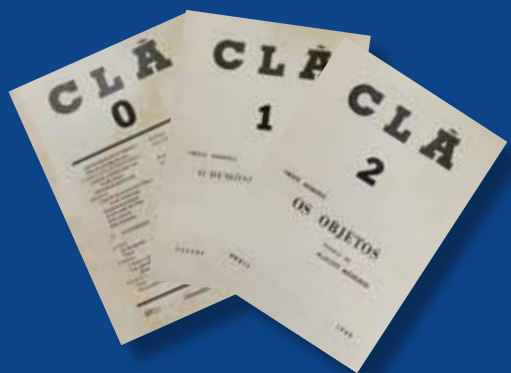
a cursos de formação e especialização em Paris, no período de 1971/72 e 1976. Vale o registro do Curso de Língua e Civilização Francesas, na *Sorbonne*, realizado ainda em 1963/64, e o Curso de História da Arte, realizado na *École du Louvre*, promovido pela Fundação Rachel Boyer, em Paris, em 1971/72.

Na França, pude desenvolver algumas atividades sistemáticas como aluna regular, seja na *Sorbonne*, seja na *École du Louvre*. Por ocasião de nossa primeira estada na França (meu esposo recebera, para um primeiro período de estudos, bolsa do *Service de Coopération Technique* do governo francês, em 1963/64), decidi-me por aprofundar meus conhecimentos da língua e literatura francesas, tendo valido desse esforço diploma emitido pela *Sorbonne*. Retornando, anos mais tarde

(1971/72), candidatei-me a vaga no Curso de História da Arte, na *École du Louvre*, tendo sido classificada. O curso teve a duração de oito meses, com certificado expedido pela *Fondation Rachel Boyer*, de Paris.

Graças à viagem da Embaixada Acadêmica Clóvis Bevilácqua à Europa em 1949, aconteceu o encontro entre os Antônio (Martins Filho e Bandeira), assim como o primeiro contato do fundador do MAUC com os museus europeus, em especial espanhóis e franceses. Ali, um museu de arte no Ceará começava a ser imaginado. Em 1952, Martins Filho visitou mais detidamente os museus italianos. Sabemos da relação mais próxima dele com o Grupo Clã, mas como era a re-

Grupo Clã e Embaixada Acadêmica Clóvis Bevilácqua



O Grupo Clã, nascido como Clube de Literatura e Arte Modernas em 1942, foi um celeiro de intelectuais e artistas de Fortaleza. Teve Martins Filho como membro fundador, junto com Fran Martins e uma plêiade de escritores que se tornaram referência das letras cearenses. Em torno do grupo, também se reuniram nomes das artes plásticas.



A Embaixada Acadêmica Clóvis Bevilácqua foi um grupo de docentes e alunos da Faculdade de Direito que fizeram uma viagem para fins de estudos e experiências em espaços culturais e educacionais na Europa. Recebeu este nome em homenagem ao jurista cearense.

lação com os artistas plásticos cearenses? Sobre a viagem de 1949 e 1952, existem fotos do encontro com Bandeira em Paris e nos museus?

De regresso da Europa, com a caravana de concludentes do bacharelado na Faculdade de Direito do Ceará, a ideia da criação de uma universidade impôs-se ao jovem catedrático de Direito Comercial, recentemente aprovado em concurso público de títulos e provas, como acontecia por aqueles tempos. A primeira iniciativa levou Martins Filho a solicitar audiência com o governador do Estado, Desembargador Faustino de Albuquerque. Levava consigo o esboço de um projeto acalentado por muitas gerações de cearenses – a criação de uma universidade no Ceará. O que se poderia classificar como um assédio declarado de boas intenções. Convencido, embora relutante, o governador encarregou Martins Filho de preparar uma exposição de motivos e o anteprojeto de decreto que autorizaria a criação de uma universidade no Ceará. De forma cortês, porém desinteressada, o governador transferia para data incerta a apreciação daquela sugestão. Uma universidade no Ceará? Concluído o encargo, entregues os textos solicitados, para surpresa do governador, a ideia morreria entre as boas intenções não reveladas de um governo tímido e excessivamente provinciano. A descoberta de que uma universidade criada imporia, inevitavelmente, a nomeação de um reitor fez crescer os olhos ambiciosos das lideranças políticas locais, em conflito entre as velhas correntes partidárias e os recém-chegados das novas oligarquias urbanas, como chamam os entendidos. Porfiava-se pela nomeação do reitor de uma universidade que estaria no papel por quase dez anos, ao

“O acervo inicial delineou-se com óleos de Bandeira, sob encomenda. Passava os dias no ateliê da UFC, depois ganhava a noite cearense.”

final dos quais o governo federal cedia aos apelos de Martins Filho e das lideranças políticas do Ceará. Pouco importava a universidade. O cargo de reitor e as insuspeitadas possibilidades de emprego, sim, seduziam políticos de todas as greis e partidos.

A Universidade seria criada pelo governo federal, pouco menos de dez anos depois. A lei foi sancionada por Café Filho e Martins Filho nomeado reitor.

Uma vez reitor, Martins Filho passou em revista suas observações de visitas pela Europa, o seu encontro com Antonio Bandeira e Sérvulo Esmeraldo. Essas experiências seriam aprofundadas, no curso dos

anos subsequentes, em repetidas viagens por universidades americanas. Delas, Martins Filho traria muitas ideias e sugestões, sobretudo em relação à produção de livros, às bibliotecas universitárias, aos laboratórios experimentais e aos acervos de artes plásticas.

O acervo inicial do Mauc – de telas e óleos, pintura de cores e muitas luzes – delineou-se com a incorporação de lotes de óleos produzidos por Bandeira, sob encomenda.

Acertos foram celebrados entre Martins Filho e Bandeira. O filho pródigo das artes plásticas no Recife aportara – a bordo de um navio, que Bandeira não viajava de avião – para permanência de alguns meses; do Ceará, partiria uma camioneta para apanhá-lo e trazê-lo à terra natal. Bandeira ganharia por produção, remunerado por unidade pintada. Seu ateliê ocupava o primeiro andar de uma residência da família Gentil, ao lado do que viria a ser, com ampliação e melhorias, o prédio da reitoria, no Benfica. Passava lá os dias inteiros, depois ganhava a noite cearense com a guarda de artistas e intelectuais. Lembrava Hemingway no enlevo da sua boemia parisiense. O acervo Bandeira, do Mauc, foi constituído, sobretudo, por esse trabalho cativo e

amigavelmente remunerado, a preço de uma enorme generosidade do artista.

Retornando a Martins Filho. Era um ativista intelectual incansável, chamemo-lo assim, que muitas eram as suas qualificações. Advogado, construiu um sólido patrimônio à custa de perseverante esforço. Criou uma editora, das poucas de que se tem notícia entre nós, a Editora Fortaleza. Instalou a Editora do Instituto do Ceará, desaparecida por obra e capricho do tempo, destruidor incansável das boas ideias. E, por fim, a Imprensa Universitária da UFC e as Edições Casa de José de Alencar. Foi membro fundador do Grupo Clã, com Fran Martins e uma plêiade de escritores que se notabilizaram como referência das letras cearenses. Criou o Teatro Universitário do Ceará, com Nadir Papi Saboia e B. de Paiva. O Coral, o Madrigal e a Orquestra Sinfônica foram obras suas. A Concha Acústica, inaugurou-a com a Orquestra Sinfônica Brasileira...

Como filha do visionário professor Antônio Martins Filho, fundador e reitor da Universidade do Ceará, atual UFC, o que mais a senhora lembra deste momento histórico liderado por ele, uma vez que atuou também como secretária particular do reitor? Como ele começou a pensar esta Universidade tão plural na década de 1950 e com uma vocação cultural tão latente?

Meu pai expõe sobre a ideia de universidade em depoimento constante de livro cuja leitura deve ser incluída na pauta de quem pretenda conhecer a história da UFC. Refiro-me a *Uma Universidade para o Ceará*, publicado ao fim da década de 1940 e reeditado em comemoração ao Centenário de Martins Filho. Cogitara ele que o empreendimento, ousado e ambicioso para aqueles tempos, cairia bem a cargo do governo estadual. Armou o cenário, propôs os instrumentos legais da instituição de uma universidade para apreciação do executivo e da Assembleia Legislativa. O tempo revelaria que esse não seria o caminho seguro para que a ideia se ma-



Viagens à Europa e encontros com Antonio Bandeira e Sérvulo Esmeraldo inspiraram Martins Filho na criação do Mauc

terializasse em medidas concretas. Já às vésperas do final trágico do governo Vargas, em 1954, transitava no Congresso Nacional o projeto de criação de uma universidade no Ceará. Aprovado, o texto da lei foi encaminhado ao Catete para aprovação presidencial. Getúlio suicida-se. Assume Café Filho. O PSD sai de cena e chega a UDN, em breve passagem pelo poder. Martins Filho é nomeado reitor.

Na concepção idealista de Martins Filho, a universidade abriria espaço, no Ceará, para todas as manifestações culturais, no esquadro do lema “O Universal pelo Regional”, síntese por ele criada. Em redução bem aplicada, o dístico resume a concep-

“O Mauc exerceu, desde a sua fundação, papel aglutinador dos artistas cearenses.”

ção que nortearia a jovem instituição pelos anos seguintes. A cultura e as instituições comprometidas com os desafios intelectuais careciam dos estímulos formais de uma instituição de ensino superior. A ação encorajadora da Universidade em relação ao ensino, à pesquisa e às relações com a sociedade repercutiria significativamente. Poucas universidades nasceram, no Brasil, além da UnB, da USP, da UDF e da UNICAMP, além da UFC, armadas de um projeto educacional e seguras da missão que lhes incumbia em relação ao meio geográfico e cultural no qual deveriam atuar.

Concluída sua obra, em doze anos de brilhante reitorado, Martins Filho, aposentado, oferece seus préstimos a Aduino Bezerra, governador, para a criação de uma universidade estadual. Para essa empreitada, seriam de muita valia as suas relações, no plano federal, na condição de membro do Conselho Federal de Educação. Criada a UECE, de sua sala como presidente da FUNEDUCE, ganharam corpo outros projetos: o da URCA e o da UVA, postos avançados da interiorização da Universidade no Ceará. Foi braço forte da UNIFOR para a consecução dos ideais de Edson Queiroz. Cinco universidades cearenses receberam de Martins Filho a força e a diligência que as tornaram, de projetos longínquos, a realidade marcante que conhecemos hoje.

A Universidade é criada em 1954 e, em 1957, a Reitoria adquire a obra de arte *Rolando para Terra*, de Raimundo Cela. O Salão Nobre, a Faculdade de Direito, a Imprensa Universitária e

a Faculdade de Farmácia recebem uma série de exposições até 1961, quando o Mauc é inaugurado. Quem fazia a curadoria dessa programação e quem ficava à frente da viabilização das mostras com acervos de particulares e recém-adquiridos pela Universidade?

A fundação do Mauc ocorre em 1961, nas dependências do prédio do Colégio Santa Cecília. Ele foi adquirido, como muitos outros imóveis no Benfica, para a utilização de órgãos administrativos e cursos regulares (Engenharia, Arquitetura, Letras, Educação, Ciências Sociais), que foram sendo instalados no ritmo célere da expansão da Universidade no bairro do Benfica. As iniciativas culturais e, sobretudo, as relativas às artes plásticas não esperaram por esses desdobramentos. Exposições e cerimônias acadêmicas realizavam-se no prédio da Faculdade [de Direito], onde se instalara a Reitoria, e em espaços improvisados e nas primeiras edificações da Imprensa Universitária. No Centro, a Faculdade de Farmácia e Odontologia cedia salas e áreas comuns para exposições e mostras que tendiam a crescer, graças ao interesse despertado entre artistas, intelectuais e a sociedade. A curadoria dessa programação foi exercida pelo gabinete do reitor, por alguns artistas locais, Heloisa Juçaba, Zenon, com acompanhamento do Chefe do Gabinete, Milton Dias, da incansável Alba Frota, de Olga Stela Peixoto de Alencar, da doutora Aliza Baer, de Artur Eduardo Benevides... Floriano Teixeira era presença constante e indispensável nessa fase embrionária do que viria a ser um dos principais pontos de referência cultural do Ceará – o Mauc.

O início da documentação museológica do Mauc inicia-se ainda na gestão de Floriano Teixeira. No entanto, é a partir de 1966 que o sistema de catalogação do acervo museológico é aperfeiçoado, com a vinda de um técnico do Museu Nacional, por dois meses. E também houve a autorização de viagem da servidora Luce Girão Prata para conhecer o Setor de Documentação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de outras instituições

congêneres. Quem participou deste treinamento com o profissional vindo do Rio de Janeiro?

Florianio veio do Maranhão, em migração inter-regional. Trazia muito talento e coragem para enfrentar os desafios das condições desfavoráveis que tivera de vencer. Chegado a Fortaleza, desempregado, morava nos altos do prédio do jornal *O Democrata*, de filiação comunista, o que não leva a supor que fosse um ativista militante. Amigos da SCAP e do grupo Clã aproximaram-no de Martins Filho que, aberto à sedução do talento, nomeia o recém-chegado desenhista, e o leva para o museu nascente. Por esse tempo, o pequeno acervo que crescia, por doações e aquisições e por outros meios engenhosos, era depositado em uma sala do Departamento de Cultura da Reitoria e por outros recantos receptivos. Florianio, com Lívio Xavier, Sérvulo Esmeraldo e Zenon Barreto, foram caçadores e mercadores incansáveis de peças de arte popular, imagens sacras, transportadas de regiões distantes do interior do Ceará para o futuro acervo do Mauc. Ação benevolente, de paciente desobriga em casa de doadores ou de quem concordasse em desfazer-se das suas relíquias.

Heloísa Juaçaba e Zenon Barreto também contribuíram para a criação do Mauc. Poderia pontuar a atuação de ambos nos anos que antecederam o Museu de Arte?

Referi seguidamente, ao longo dessa conversa evocativa, os nomes de Heloísa Juaçaba, Zenon, Sérvulo, Florianio e Lívio Xavier. Poderia ampliar esse inventário indefinidamente, porque não foram poucos os colaboradores e voluntários que contribuíram com o seu trabalho e dedicação para essa coleta generosa. Doadores foram muitos e perduram, até hoje, como fonte magnânima de desprendimento.

Poderia afirmar que o Mauc exerceu, desde a sua fundação, papel aglutinador dos artistas cearenses. Foi ponto de convergência, apoio e fonte de estímulos para os jovens iniciados e porto seguro dos



A pequena Zuleide ao centro, apoiando-se ao pai, com a família recém-chegada do Maranhão, em 1938

artistas consagrados em nosso meio. Enquanto lá estive, não se formaram grupos, igrejazinhas, ou dissidências em relação à casa que os recebia. O Mauc viera para valorizar a atividade de artistas plásticos, uni-los, e associá-los, com o propósito de expandir as possibilidades de formação e despertar entre jovens as suas potencialidades, nem sempre identificadas. A oficina de pintura e restauração, instalada com a finalidade de despertar talentos, funcionou pelos anos que passei à frente do Mauc, no cumprimento da sua missão de forma exemplar. Grande foi, sempre, a afinidade entre o Mauc, os professores-arquitetos e os alunos da Escola de Arquitetura. As salas individuais foram organizadas com doa-

ções ou aquisições simbólicas, e foram concebidas como homenagem aos artistas do Ceará. O talento é bem comum no Ceará, no campo das artes plásticas. A nova geração já chegada e aqueles jovens que batem à porta do Mauc muito terão com que contribuir para os registros do seu valioso acervo.

A longa experiência da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), com a realização dos Salões de Abril, serviu de esteio para que o Mauc ampliasse as suas ligações com artistas e a sociedade. Seus fundadores e os artistas que expuseram durante décadas nos espaços do edifício Majestic Palace, e em outros lugares de Fortaleza, participaram de uma forma espontânea de mecenato, cada um a seu modo e segundo as suas possibilidades.

Em 1961, o técnico de educação Lívio Xavier Júnior recebeu autorização de viagem de estudos em Museologia e História da Arte para uma estadia em Madri, com bolsa de estudos pelo Instituto Hispânico de Cultura. Depois, mudou-se para Paris, onde adquiriu obras para o Mauc, junto com o artista plástico Sérvulo Esmeraldo. Eles também circularam com coleção de gravuras populares por instituições culturais europeias. Lívio foi nomeado para a Direção do Mauc por um ano, entre 1963 e 1964. O que a senhora destacaria como contribuição dele à frente do Mauc?

Ao longo do século XX, logo após a Primeira Guerra Mundial, Fortaleza era uma cidade provinciana, limitados o perímetro urbano e o comércio. O Seminário Arquidiocesano, o Liceu do Ceará e a Escola Normal eram os principais estabelecimentos de ensino. Havia poucas faculdades de ensino superior. Jornais, todos de inspiração político-partidária. Algumas tipografias de serviços gerais, poucas dedicadas à edição de livros. A Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará congregavam intelectuais, escritores e periodistas dos mais respeitados do estado. A SCAP promovia eventos de artes plásticas, em torno dos quais se agrupavam os amadores da sua

arte, jovens na sua maior parte, talentos espontâneos aos quais faltaram estudos e o exigente aprendizado, raramente encontrados na escola tradicional.

A criação do Mauc defrontou-se com a carência de qualificação reconhecida entre artistas e intelectuais para a gestão de um empreendimento como o de um museu de arte em um lugar de tão limitados recursos intelectuais, à época. A instalação da UFC enfrentara os mesmos desafios, seis anos antes. Porém, essas limitações notórias não constituíram empecilho à realização dos projetos que a proposta da Universidade trazia como missão.

Lívio Xavier é referência central na fase inaugural do Mauc. Intelectual de formação, não lhe faltavam, por esta razão, acuidade e senso crítico para a avaliação da missão de um museu de arte, o primeiro no Ceará e nas vizinhanças próximas. O espaço reservado à arte popular, no Mauc, é sinal revelador da importância atribuída ao seu papel, como canal de divulgação da criatividade popular na área do artesanato e da produção utilitária. Lívio Xavier cuidou bem em modelar o museu que nascia com os compromissos sociais com os quais a arte se envolve e deles reflete o traço criador. Não era artista, não pintava, sequer esculpia: não lhe faziam falta, entretanto, essas qualidades. Compensavam-nas a capacidade da percepção da destinação de um museu de arte em uma região rica de talentos e de engenhosa criatividade do seu povo.

O livro *Memórias - Maioridade (Tomo II)* traz uma foto de posse de Alba Frota como diretora do Mauc. Ela ficou à frente da direção do Mauc entre 1964 e 1965?

Com a saída de Lívio Xavier em 1964, Alba Frota ocupou interinamente a direção do Mauc. Assumi estas funções, em 1965, de regresso de uma longa permanência na França. Alba Frota desfrutava de grande receptividade entre os artistas cearenses. Na verdade, foram poucos meses de interinidade. Coube-lhe, entretanto, a responsabilidade de assegurar o funcionamento do Museu e pela segurança do acervo.



Cenas do gabinete do reitor: Olga Stela (Conselho Universitário), Simone Pamplona (Departamento Pessoal), Alba Frota e Martins Filho

O Mauc foi inaugurado nas festividades do 6º aniversário da Universidade do Ceará. A exposição de instalação ocupou todo o prédio onde funcionou a sede do Colégio Santa Cecília? Também gostaríamos de saber se, até a inauguração da nova sede, todas as exposições foram realizadas ali, ou se elas ocupavam as salas onde hoje funciona a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design.

1961 é a data referência da instalação do Mauc. Corresponde, de fato, às comemorações do sexto aniversário de criação da UFC. Até a inauguração do prédio, ocupado atualmente pelo Mauc, o acervo de obras, pinacoteca, coleções de tacos de gravuras populares, gravuras impressas e peças de barro e esculturas sacras foram recolhidos ao Departamento de Cultura da reitoria, ou guardadas no prédio do antigo Colégio Santa Cecília. Naquele local, ergueram-se as novas edificações do Mauc, inauguradas e abertas ao público em 1967. A Escola de Arquitetura, dada a vizinhança com o Mauc, esteve com ele associada, muitas vezes, em eventos de interesse comum.

Como o novo prédio foi pensado pela direção do Mauc e pelo professor Martins Filho?

O projeto arquitetônico do prédio destinado ao Mauc deveria corresponder, na concepção do arquiteto Neudson Braga, a características próprias de um museu dotado das funções tradicionais de repositório e guarda de acervo, sendo atendidas as atividades de natureza pedagógica que deveriam ser exercidas, com mostras permanentes, publicações e visitas guiadas por especialistas. Muito ficou a dever-se, nesses prélios fundadores, a Liberal de Castro, arquiteto e historiador, servido por sólida cultura e percepção estética. Foi arquiteto e provedor do patrimônio edificado, crítico e visionário. Nestes 66 anos percorridos pela UFC, nenhum projeto arquitetônico escapou ao crivo crítico de Liberal de Castro, desde a urbanização dos campi universitários até a restauração de edificações antigas.

O reitor Martins Filho e os consultores ouvidos – *marchands*, colecionadores e técnicos em museolo-

gia – insistiam sobre o respeito pela precedência da destinação educacional e cultural de um museu de arte, como órgão de extensão universitária, em uma região na qual a produção popular ganhara distinguida importância. O projeto atendeu a essas exigências e antecipou as obras de expansão que, anos depois, vieram completar a configuração original arquitetônica da edificação. Predominava, entre os responsáveis pela elaboração do projeto, o entendimento de que deveriam ser associadas na concepção do Mauc: a) as funções de guarda, manutenção e restauração de obras referenciadas, do seu acervo, e eventualmente, de colecionadores e instituições assemelhadas; b) divulgação mediante mostras periódicas e reproduções mecânicas, em livros, revistas e cartões de peças e trabalhos do acervo; c) estímulo à formação e treinamento de restauradores, de marceneiros, vidraceiros, e impressores-gravadores, em oficinas destinadas a essas atividades; d) incentivo aos estudos históricos, estéticos e críticos sobre as obras do acervo e da produção de artistas cearenses.

A nova sede era recém-inaugurada quando a senhora assumiu a direção do Mauc, em 1965. Durante algum período, a antiga sede funcionou junto com a sede nova, antes de ser demolida?

O prédio do Colégio Santa Cecília ocupava o espaço no qual se ergueu a nova edificação do Mauc. Operacionalmente, o uso concomitante do prédio antigo e da nova construção mostrava-se inadequado e impróprio. O terreno do Colégio Santa Cecília ocupava meia quadra, limitando-se a oeste, com a igreja de Nossa Senhora dos Remédios e a leste com a Avenida 13 de Maio. Nessa área instalaram-se, sucessivamente, a Imprensa Universitária, a Escola de Arquitetura, o Centro de Treinamento

e Desenvolvimento (CETREDE) e a Rádio Universitária FM. Durante o período que durou a demolição e a edificação do novo prédio, as atividades correntes do Mauc foram atendidas em diversos locais, nos quais foram recolhidas as peças do acervo ainda incipiente e acolhidas as mostras e exposições temporárias. Muitas exposições foram abertas ao público, por esse tempo, no Salão Nobre da Reitoria e em áreas próximas, a exemplo do salão de mostras de livros da Imprensa Universitária.

Em 1964, Henrique Medeiros Barroso, primeiro museólogo da UFC, ganhou bolsa de estudos para ingressar no Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Formou-se em 1966. Que funções eram desenvolvidas por ele antes do seu afastamento para qualificação e quais as contribuições como museólogo para o Mauc, durante a gestão da senhora?

Henrique Medeiros Barroso integrou-se ao quadro técnico do Mauc após a realização do curso. Ele desenvolveu suas atividades no setor de conservação do acervo. Participou das tarefas de tombamento e registro das peças incorporadas ao acervo.

Nos anos 1960 e 1970, Zuleide Martins de Menezes e o ex-reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto tiveram temporadas de estudos na França



“Na UFC, naqueles começos memoráveis, as mulheres ocupavam cargos relevantes da administração, eram chefes de departamentos.”

Quais foram os desafios para uma mulher jovem assumir a direção do primeiro museu universitário e de arte do estado do Ceará, em 1965?

Pode-se imaginar que as mulheres ocupassem, no setor público quanto nas ocupações privadas, em passado recente, as funções menos representativas para as quais não fosse exigida qualificação cobrada dos homens. É possível que fosse assim, no Ceará, por volta dos anos 1960. A administração da Universidade que se instalava surpreendeu em suas características renovadoras e pelas circunstâncias desfavoráveis que deveriam ser enfrentadas. Na UFC, naqueles começos memoráveis, as mulheres ocupavam cargos relevantes da administração financeira, exerciam sua autoridade nos controles de setores da administração didática, eram chefes de departamentos. Olga Rabello distinguia-se à frente do setor financeiro da Universidade, Lireda Facó detinha os controles didáticos da graduação, a gestão de pessoal controlada por Simone Pamplona, a Biblioteca Central dirigida por Maria da Conceição Souza... Coube-me assumir funções em uma área comprometida com a cultura. Foi um longo e criativo aprendizado ao qual não me furtei e a ele submeti os servidores que tive sob a minha direção. Todos éramos – e fomos – pioneiros.

Diz-se que, entre artistas e intelectuais, a concorrência alcança, em certos casos, fortes antagonismos. É possível que assim seja. Não percebi esse tipo de sentimento, nem por ser mulher, tampouco por ser filha do reitor da universidade que me empregava. Essa desafeição vi-

ria, entretanto, tardia e injustamente, quando encerrada a minha contribuição como servidora e dirigente de um importante órgão da nossa Universidade. A importância da obra realizada dá a medida das reações dissimuladas. Tenho consciência da relevância da obra com a qual me engajei e da importância da minha contribuição. Como toda instituição cultural, o Mauc não se mostrou infenso a críticas que denotavam, na maior parte das vezes, motivos pessoais e o desconhecimento da seriedade dos critérios fixados para a seleção de obras e a montagem de exposições. Por essa época, a motivação ideológica e partidária era pouco significativa, não se havia, ainda, polarizado em torno de posições radicalizadas.

O vazio e a distância que pareciam separar a sociedade das artes, as escolas públicas e as privadas das manifestações culturais foram preenchidos com o advento da UFC. O Mauc cuidou de estabelecer um elo mais forte e duradouro no plano das artes plásticas e das múltiplas manifestações do talento popular. Convenci-me da importância de ampliar os laços de inspiração didático-pedagógica, e foi possível fazê-lo mediante a programação de visitas regulares, alunos e professores para conhecerem a riqueza da produção popular dos artistas do Ceará. Mostrei o talento dos artistas cultivados, feitos pela experiência e pela criatividade. Em visitas semanais, jovens professores e seus alunos, da escola pública e de estabelecimentos privados, puderam fazer descobertas que guardaram consigo como o melhor do aprendizado a que se expuseram voluntariamente, e por gosto.

A organização do sistema de catalogação do acervo museológico iniciou-se em 1966, com a vinda de um técnico do Museu Nacional, por dois meses. E também houve a autorização de viagem da servidora Luce Girão Prata para conhecer o Setor de Documentação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e de outras instituições congêneres. Quem participou deste treinamento com o profissional vindo do Rio de Janeiro?

Tinha-se por hábito compartilhar e transferir a experiência desenvolvida pelos servidores subme-

tidos a treinamento *in loco* ou fora do Ceará. Os beneficiários eram prioritariamente os servidores do Mauc, técnicos, pessoal administrativo, e o grupo de guias, responsáveis pelas visitas organizadas e pela recepção de visitantes individuais.

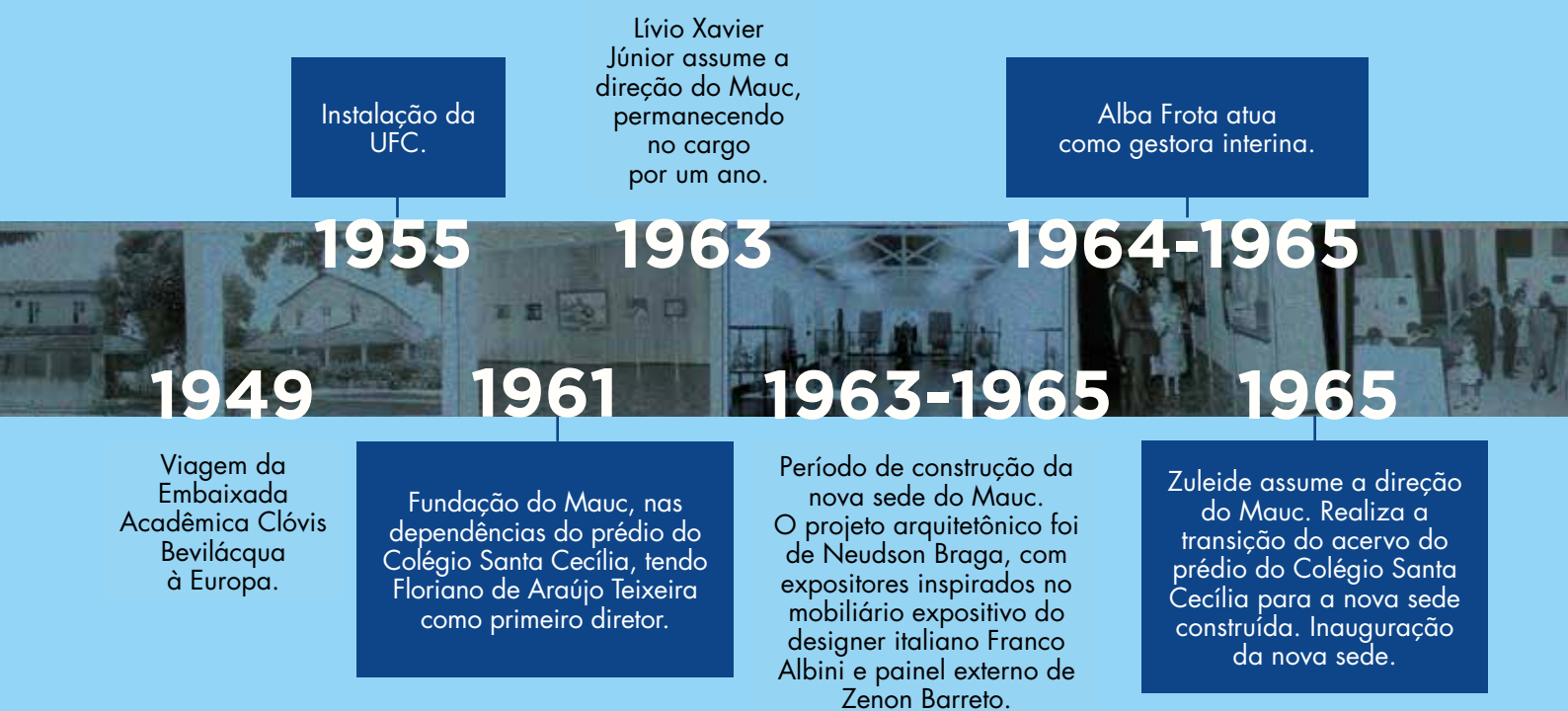
Por meio de uma doação do casal Nice e Estrigas e da articulação junto ao artista cearense Aldemir Martins, o Mauc recebeu, em 1979, um conjunto de cinquenta obras e o compromisso da montagem da sua segunda sala especial. Na ocasião, também foi inaugurada a Sala Raimundo Cela. O que a senhora poderia nos contar sobre este momento? De quem foi a ideia das salas especiais e como elas foram organizadas?

No período, compreendido entre 1975 e 1979, na administração do reitor Pedro Barroso, foi instala-

da a Sala Aldemir Martins com obras fruto de doações realizadas pelo artista e por amigos. O acervo constituído inicialmente foi ampliado com novas e seguidas doações. O legado de Nice e Estrigas testemunha o gesto largo de dois artistas respeitáveis. Estrigas, por trás dos merecimentos de pintor, era um brilhante historiador: produziu as mais relevantes contribuições sobre a história da arte cearense. Esses registros podem ser acessados no Mauc, em consulta às fichas de aquisição e tombamento e no Catálogo do Acervo do Mauc, ainda não publicado.

As salas especiais representam a homenagem da Universidade a artistas cearenses consagrados. A exemplo da primeira delas, de caráter permanente – a Sala Antonio Bandeira – reúnem uma seleção de obras representativas de cada artista, de fases diversas, segundo critério dos doadores ou dos próprios

Guia cronológico



Instalação da UFC.

Lívio Xavier Júnior assume a direção do Mauc, permanecendo no cargo por um ano.

Alba Frota atua como gestora interina.

1949

Viagem da Embaixada Acadêmica Clóvis Beviláqua à Europa.

1955

Fundação do Mauc, nas dependências do prédio do Colégio Santa Cecília, tendo Floriano de Araújo Teixeira como primeiro diretor.

1961

1963

1963-1965

Período de construção da nova sede do Mauc. O projeto arquitetônico foi de Neudson Braga, com expositores inspirados no mobiliário expositivo do designer italiano Franco Albini e painel externo de Zenon Barreto.

1964-1965

Zuleide assume a direção do Mauc. Realiza a transição do acervo do prédio do Colégio Santa Cecília para a nova sede construída. Inauguração da nova sede.

1965

autores. Um salão coletivo e permanente foi dedicado aos “artistas cearenses”. Como se pode concluir, a ideia surgiu e materializou-se com a Sala Antonio Bandeira. Provavelmente, iniciativa de Martins Filho.

Gostaria que a senhora falasse sobre a política de acervo do Museu durante sua gestão. Até que período, aproximadamente, o Mauc teve verba suficiente para aquisição e ampliação do seu conjunto?

Os setores culturais não são, via de regra, prioridade em tempos de poucos recursos disponíveis. Os custos fixos são, em geral, mantidos sem alteração. Dotações para a aquisição de novas peças podem variar. A capacidade de aquisição do Mauc perdeu substância a partir dos anos 1970. Na falta de recursos orçamentários e de disponibilidades asseguradas

por convênio, a renovação do acervo ocorreu por doações individuais, na maior parte das vezes. As verbas escassearam a partir de 1967. Ignoro quando as dotações orçamentárias permitiram a aquisição de novas peças. Não tive a sorte de dispor de recursos que não fossem para atender as despesas fixas. Houve disponibilidades, em vários momentos, para recuperação do prédio e ampliação de instalações, segundo fluxos comeditos.

O período no qual a maior movimentação de aquisições e doações é registrada acontece na fase inicial (1961-1975) e no período seguinte (1975-1983), aproximadamente.

Entre 1965 e 1987, o Mauc realizou cerca de 120 exposições artísticas. Como era organizado o calendário expositivo e de eventos? Poderia citar pelo menos

Zuleide pleiteia e consegue reforma de ampliação da nova sede, recém-inaugurada em 1965. A sede velha (antigo Colégio Santa Cecília) é demolida neste ano.

Realização dos Salões Infantis.

Realização da “Exposição de Artistas Plásticos Cearenses” no Teatro Castro Alves, em Salvador, com o patrocínio do Banco da Bahia, e a “Exposição de Artistas Plásticos Baianos” no Mauc, em Fortaleza, com patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil.

1967 Anos 1970 1982

1966

1968

1979

1987

O Mauc cede ao Itamaraty doze trabalhos do artista Chico da Silva para exposição na Bienal de Veneza. A coleção ganha Menção Honrosa.

Reabertura do Mauc ao público, com a instalação e inauguração da Sala do Antonio Bandeira, falecido em 1967. A UFC dispõe do maior acervo de pinturas do artista.

Criação das Salas permanentes Aldemir Martins e Raimundo Cela. A Sala de Aldemir foi criada após a doação de obras do Minimuseu Firmeza e do próprio Aldemir Martins.

Zuleide Martins de Menezes encerra sua gestão do Mauc.

cinco exposições que foram sucesso de crítica e público, e que a senhora tem orgulho de ter realizado?

Está aí um desafio. Como não esquecer uma delas, ou tantas que deveriam ser mencionadas?

- **Exposição de Gravuras de Dürer**, em colaboração com o governo da Alemanha;
- **Exposição de inauguração das Salas Especiais**;
- **Exposição de Artistas Baianos** (Calazans Pires, Fernando Coelho, Carybé, Carlos Bastos, Emanuel de Araújo, Genaro, Jenner Augusto e Mirabeau Sampaio, com patrocínio do Banco da Bahia);
- **Exposição de artistas cearenses na Bahia** (Narco Araújo, Barrica, Estrigas, Heloísa Juaçaba, Zenon Barreto, Aldemir Martins, Chico da Silva, Sérgio Lima, Sérgio Pinheiro, Bandeira, Descartes Gadelha, Raimundo Cela, Vicente Leite);
- **Exposição instantânea de desenhos e caricaturas**, de Mino, 1980 (o artista realizou o seu trabalho à vista dos presentes à abertura da exposição).

E as participações na 33ª. Bienal de Veneza, de 1966, na mostra de arte popular do Nordeste, com doze pinturas de Chico da Silva, do acervo do Mauc. Incluiria, entre as mostras fora do Ceará, a participação do Mauc na 18ª. Bienal de São Paulo, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, com a “Exposição sobre a Gravura Popular do Nordeste”, outubro/dezembro de 1985. Também a exposição de arte popular do Nordeste, em Bonn, na Alemanha, sob o patrocínio da Sociedade Teuto-Brasileira, 1983.

Como museu universitário, o Mauc nasceu com uma missão educativa muito forte. Gostaríamos de saber como funcionava o atendimento ao público de visitantes espontâneos e de grupos escolares na sua gestão. O Mauc tinha guias? Contou com programas de bolsas e estudantes atuando na recepção do público?

Cada exposição apresentava um folder com registros sobre as obras expostas do autor, distribuídos aos visitantes. A programação de visitas organizadas

obedecia a um cronograma semanal, e destinava-se, de preferência, a estudantes da rede escolar pública, com transporte assegurado por ônibus da UFC. As visitas eram orientadas por artistas ou técnicos do Mauc ou, ainda, pelo corpo de guias, constituído por bolsistas selecionados em cursos de treinamento.

Em nossas pesquisas, encontramos muitos jornais destacando as ações do Museu de Arte. Quem fazia a comunicação social do Mauc junto à mídia local? Quais críticos de arte frequentemente estavam no Museu acompanhando os eventos e exposições?

Contatos com a mídia eram atividades rotineiras, mantidas diretamente com os cadernos e jornalistas especializados. O serviço de imprensa da Reitoria participava e articulava a distribuição de informes e notícias, assim como de matérias sobre o Mauc e o seu acervo.

O Museu contava com algum profissional na produção dos cartazes e catálogos das exposições, ou esta demanda ficava a cargo da Imprensa Universitária?

A Imprensa Universitária assegurava regularmente o suporte à programação gráfica, elaborava e executava os projetos de pôsteres e publicações informativas, cartazes e a edição de livros e álbuns.

Nos relatórios de gestão, encontramos a passagem de nomes como Jorge Pontual e Arthur Luiz Piza pelo Mauc, com a oferta de palestras e oficinas. Quem mais passou pelo Mauc e a senhora destacaria?

Mantivemos o livro de visitas ao Mauc com registros atualizados. Exposições e visitas de artistas indicam a sua frequência e a regularidade. Intelectuais e autoridades de passagem ou a convite da UFC, lá estiveram. E não foram poucas para listar sem risco de faltas e omissões. Jorge Amado, Zélia Gattai e James Amado lá estiveram, acompanhando numerosos pintores baianos que expuseram na Mostra Pintores Baianos, 1982. Visita da doutora Fernanda Camargo, diretora do ICOM/UNESCO para o Brasil, instituição à qual pertenci no exercício das funções de diretora do Mauc. Intercâmbio com o Museu Nacional

e assistência técnica e de consultoria prestadas pela CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

O maior desafio de um gestor de equipamento museológico no Brasil refere-se à segurança física e aos períodos chuvosos. O Mauc, com certeza, não fugiu à regra e deve ter-lhe dado alguns sustos por conta das ameaçadoras goteiras. Conte-nos sobre as reformas realizadas, os projetos, os problemas técnicos e as soluções encontradas.

A conservação do acervo e do que nele se guarda pode resumir-se a uma questão de climatização, em sentido amplo, e iluminação. As goteiras constituíram risco permanente, sem dúvida, porém, seria por demais prosaico referi-las como ocorrência frequente e de um certo modo tolerada para que não fossem de todo eliminadas... A preocupação permanente decorria dos riscos presumidos de incêndio e das limitadas possibilidades de evitá-los. A revisão das instalações elétricas tornou-se rotina e imposição de segurança.

Ao longo de 22 anos, a senhora acompanhou a mudança de seis reitores e foi mantida no cargo por todos eles. Qual o papel dos reitores e da Reitoria na construção e consolidação das políticas institucionais e museológicas da gestão da senhora?

Trabalhei com seis reitores: Antônio Martins Filho (1965/67); Fernando Leite (1967/71); Walter de Moura Cantídio (1971/75); Pedro Teixeira Barroso (1975/79); Paulo Elpídio de Menezes Neto (1979/83); José Anchieta Esmeraldo Barreto (1983/87); Hélio Leite (1987/91).

Há duas variáveis a considerar, de forma conjugada. O perfil do reitor e as disponibilidades orçamentárias, a marca das suas preferências no plano da cultura e as prioridades conferidas na execução da política universitária. Não pretendo fixar preferências ou o reconhecimento por ações que devam ser esquecidas ou lembradas.

A senhora deixou a gestão do Museu em 1987, para acompanhar o seu esposo, o ex-reitor, pro-

“Dois desafios: a consolidação da administração e a conservação do acervo. Como medida urgente, o treinamento de servidores.”

fessor Paulo Elpídio de Menezes Neto, numa mudança para Brasília e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Num balanço geral, quais projetos – sejam desafios, conquistas e frustrações – foram realizados e quais não foram, ao longo destes 22 anos em que a senhora ficou à frente do Museu? Livrementemente, poderia pontuar os marcos temporais mais importantes da história do Mauc ao longo destes 60 anos?

O Mauc é, certamente, dentre os órgãos culturais da UFC associados às atividades de extensão, o mais antigo, junto com a Imprensa Universitária, dentre todos os equipamentos instalados desde a criação da Universidade, em 1955. No gênero, apresenta especificidades que dificilmente se encontrariam em outros órgãos universitários, à sua semelhança. Resultou de um projeto longamente estruturado, concebido ao longo de um prolongado projeto de maturação, nos Seminários Anuais, comprometidos com o planejamento da Universidade.

A primeira fase, da sua estruturação, como órgão suplementar da Reitoria, cobre o período compreendido entre os anos 1960 e 1970, antes mesmo da sua instalação e abertura ao público. É quando se dá a definição das áreas em que atuaria – o campo das artes visuais –, prenúncio da constituição do acervo que lhe haveria de conferir a identidade que o caracteriza e distingue de outros museus e galerias perma-

nentes no Nordeste. O Ceará e o Nordeste, no seu todo e nas particularidades intrarregionais que caracterizam as sub-regiões culturais que o integram, são os limites que demarcam o território do Mauc.

As artes plásticas, na criatividade de seus artistas, são a parte visível e de maior destaque do acervo que o Mauc abriga e mantém sob a sua guarda. O que não significa afirmar-se que, a estas manifestações mais cultivadas da criação artística, reduza-se toda a imensa gama da criatividade popular do artesanato, da gravura e da literatura de cordel, da prodigiosa inspiração dos santeiros, da cerâmica utilitária e dos bonecos de barro, e da escultura sacra, objeto da religiosidade do povo.

A segunda fase, de ampliação, especialização, documentação, registro e tombamento das peças e obras integrantes do acervo, ocorre a partir dos anos 1970 e se estende pelos anos seguintes, até o final da década de 1980. Neste largo período que cobre as duas fases mencionadas, concentra-se o volume maior das obras incorporadas ao acervo, quer por aquisição, quer pela doação, das quais se origina, qualifica e materializa um tipo de mecenato particular, exercido, na maior parte das vezes, por artistas e colecionadores. Curiosamente, não provêm das instituições públicas federais ou estaduais, salvo casos excepcionais, nenhuma doação significativa ou transferência de patrimônio digna de registro. Exceção seja feita para o retrato do Barão de Sinimbu, óleo de Victor Meireles, que foi transferido da estação ferroviária de Camocim e incorporado ao acervo do Mauc. Em troca, a UFC restaurou o prédio da estação de Camocim e, segundo consta, doou cópia do óleo original à Rede de Viação Cearense (RVC), depois REFFSA.

A criação das Salas Especiais, mostras permanentes de artistas cearenses, e as salas consagradas inicialmente à arte popular (tacos de gravuras de cordéis, imagens religiosas, imagens primitivas, esculturas em madeira e cerâmica, rendas etc.) representam processo de amostragem avançada na apresentação e exposição de peças. Podem ser avaliadas como consolidação e sistematização di-

datamente composta de um acervo tão variado quanto especializado.

O Catálogo do Mauc, até hoje inédito e provavelmente desatualizado (a versão concluída, sob a minha coordenação, alcança o ano de 1987), é fonte valiosa para o conhecimento do acervo do Mauc. Todas as peças e obras, telas, esculturas e objetos de artesanato – devidamente classificados e identificados, dimensões, material utilizado para a sua confecção, origem, etc. – compõem o registro de tombamento do acervo legal e completo do Mauc. A digitalização dos registros e a sua disponibilização pública poderiam constituir-se em material indispensável ao trabalho de pesquisadores e estudiosos sobre esse acervo valioso.

Não temos como prever o futuro, mas ainda podemos sonhar e planejar... Qual Mauc a senhora gostaria de encontrar daqui a dez, vinte ou mais 60 anos?

Poderia esperar e celebrar por antecipação que o Mauc atendesse a missão e o papel que lhe foram originalmente atribuídos, como vem ocorrendo com a nova administração, servida de tecnologias modernas e de possibilidades mais amplas, sobretudo, de divulgação e compartilhamento de informações sobre as artes plásticas e a cultura popular do Ceará e da região. Seria possível resumir estas expectativas em três itens:

1. A consolidação da sua função original de preservação e guarda da produção das artes plásticas no Ceará e a sua divulgação, como função educativa e cultural;
2. Sistematização dos registros da memória histórica sobre as artes plásticas e as manifestações artísticas populares do Ceará e do Nordeste;
3. Manter, como agora propõe a direção do Mauc, a publicação regular de periódico sobre as artes plásticas cearenses, associando a essa iniciativa a criação de coleção de estudos e de crítica sobre as artes plásticas cearenses e as manifestações populares, sobretudo, a gravura e as manifestações das artes sacras. **M**

MEMÓRIAS

Mauc, a celebração do imaginário popular e das artes plásticas

Por Paulo Elpídio de Menezes Neto

Por vezo confessado, contraí alguns vícios intelectuais dos quais não pude livrar-me. Tornei-me dependente de papel e tintas, de formas e volumes e perspectivas. Fui, aos poucos, aprofundando os meus desvios gutenberguianos para tornar-me o que sou. Alguns se dizem intelectuais, elegi outra condição, mais verdadeira: tornei-me bibliólogo, que para bibliófilo faltava-me o principal, capital de giro para ser admitido entre os grandes aquisitores de raridades em um mercado de exclusivo. Sou rato de papel, leitor compassivo de escritos e manuscritos, de impressos e reproduções; amante de formas, volumes e contextos. Não que me ativesse a antiguidades cultuadas, a páginas amarelecidas que emprestam ao livro o prestígio da erudição e o respeito pela cultura de quem os recolhe nas estantes, no apascentamento de propriedade privada.

Fui, assim, desembarcando em outras praias – das artes plásticas, da imensa criatividade da imageria popular, dos utensílios e de outras formas de representação estética; fiz-me pretensiosamente um ser cultural.

Pelas afinidades eletivas e pela injeção de valores adquiridos, tomei-me de espanto diante da enorme força comunicativa da gravura, da criação erudita às artimanhas do imaginário popular. A criação do Mauc, iniciativa pioneira entre projetos assemelhados, abriu para o recém-chegado, assim me considerava, horizontes desconhecidos e fortaleceram o gosto por todas as modalidades de arte visuais. Não cheguei a tornar-me colecionador, tampouco construí pinacoteca particular, porém aprendi a apreciar e compreender as técnicas e a inspiração que fazem de um artesão um artista e de um artista cultivado, artesão.

Acompanhei a história deste Museu, na rota distante dos roteiros prestigiosos da cultura artística brasileira consagrada, de um ponto de observação privilegiado. Zuleide foi a ponte segura que me aproximou dos gostos e preferências estéticas de artistas e colecionadores, críticos e divulgadores. Firmou o norte de uma longa caminhada, aliciou talentos, celebrou uma paz construtiva entre os que chegavam, noviços inquietos, plenos de talento para usar, e os que já se encontravam em postos reconhecidos.

Tivesse que operar redução ao essencial desse longo percurso de 60 anos do Mauc, creditaria o êxito desse empreendimento a muitos mecenas e a poucos trabalhadores, precursores plenos de confiança e esperanças. Martins Filho, pescador de ideias, a quem a cultura do Ceará fica a dever o melhor das suas raízes. Os pioneiros -- Floriano, Lívio, Sérvulo, Zenon, Estrigas, Nearco, José Fernandes, Geraldo Jesuíno, Barrica, Heloísa Juaçaba, Chico Silva, Aldemir, Bandeira, Descartes, Helio Rola, Sérgio Lima, Zé Pinto, Sérgio Pinheiro --, Zuleide na entrega permanente ao seu trabalho, organizando, selecionando, abrindo oportunidades, encorajando e superando momentos de desesperanças que não foram poucos e, por serem tão mesquinhos e vazios de propósitos – não valeria que fossem lembrados.

Todo o crédito e as esperanças fortalecidas sejam concedidos aos que têm no Mauc a visão de um projeto a levar adiante, de forma consensual e socialmente compartilhada, desafio que incumbe aos artistas e intelectuais enfrentar com as armas do seu talento.

Paulo Elpídio de Menezes Neto é cientista político, professor e escritor. Foi reitor da UFC entre 1979 e 1983. Hoje atua como presidente do Conselho Editorial da Universidade.

Zuleide Martins de Menezes

RESUMO DA OBRA

Diretora do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará de maio de 1965 a julho de 1987, Zuleide Martins de Menezes nasceu na cidade de Caxias, Maranhão, em 11 de maio. Fez seus estudos em Fortaleza, no Ginásio Nossa Senhora do Sagrado Coração – Instituto Santa Dorotheia. É casada com Paulo Elpídio de Menezes Neto, sendo filha de Maria de Carvalho Martins e Antônio Martins Filho, um dos fundadores da UFC e primeiro reitor da Universidade. Tem uma filha, Marta Maria, e dois netos, Paulinha e Thiago. Participou do júri de vários Salões de Artes Plásticas em Fortaleza e realizou no Mauc exposições de artistas brasileiros e estrangeiros, concursos de pintura infantil. Destas inúmeras realizações, lembra-se especialmente dos detalhes da Exposição de Caricaturas em Evolução, criada pelo cartunista e desenhista Mino no decorrer da mostra, na presença dos visitantes.

Durante a sua gestão no Mauc, Zuleide foi responsável pela transferência do acervo do prédio originalmente ocupado, na antiga sede do Colégio Santa Cecília no Benfica, para as instalações da sede atual, construída para a finalidade museológica entre 1963 e 1965. Ela atuou diretamente na política de aquisição, por meio de compra e doação de obras artísticas para ampliação e consolidação do acervo museológico e também foi responsável pela adoção de medidas visando à preservação das obras do acervo, como climatização e iluminação, especializadas para museus e coleções.

Foi na gestão de Zuleide Martins de Menezes que foi constituído o grupo de guias encarregadas na recepção das visitas às salas de exposição, responsável pela organização de visitas periódicas ao Mauc para os alunos da rede pública municipal e estadual. Essas visitas eram seguidas de palestras sobre as artes plásticas cearenses e o transporte era oferecido pela própria Universidade. Ela também foi responsável pela organização do primeiro projeto de Catálogo do Acervo do Museu de Arte da UFC, cujos originais estão guardados na instituição e que precisam passar por um processo de revisão e ampliação para publicação futura, uma vez que o acervo triplicou de tamanho desde então.

A criação das salas permanentes de Antonio Bandeira, Aldemir Martins e Raimundo Cela também são destaques do período em que Zuleide foi diretora do Mauc. Da mesma maneira, foram abert



tas salas coletivas para obras de pintores cearenses, de arte popular do Nordeste e de arte sacra. Ao longo das mais de duas décadas de sua gestão, foram realizadas aproximadamente 150 exposições temporárias, entre demandas internas e externas, para os mais diversos públicos, além da oferta de cursos, palestras e oficinas sobre arte, museologia e cultura.

A equipe também recebeu constante aperfeiçoamento técnico e profissional por meio de estágios e viagens de estudos em museus brasileiros. Houve a consolidação do sistema de documentação museológica e a contratação de profissional museólogo para o quadro funcional da instituição. Aliás, ressalta-se que o Mauc foi um dos primeiros museus universitários a contar com este perfil técnico profissional. A política de circulação e empréstimo de acervos foi mantida para mostras relevantes em museus brasileiros e estrangeiros. Entre os empréstimos, foram cedidos ao Itamaraty doze trabalhos do artista Chico da Silva no ano de 1966, para que o Brasil participasse da Bienal de Veneza. A coleção recebeu a Menção Honrosa.

Ao longo de sua gestão, Zuleide Martins de Menezes foi defensora das reformas e melhorias institucionais do espaço físico e arquitetônico do Mauc, junto à Administração Superior.

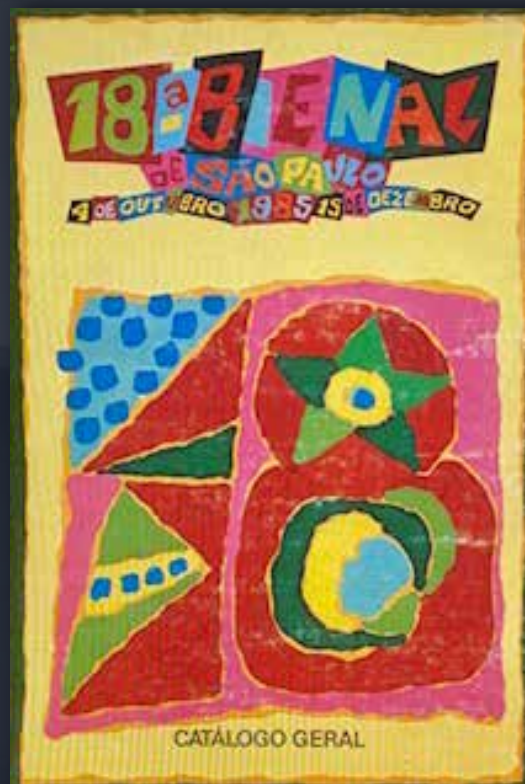
Eventos artísticos

Participação na 18ª Bienal de São Paulo, como Provedora da Exposição sobre Gravura Popular do Nordeste, de outubro a dezembro de 1985, São Paulo.

Participação em Exposições de Pintura em Porcelana, promovidas pela Associação Brasileira de Porcelana (ABRAP), Rio de Janeiro.

Participação na "Exposição de Artistas Plásticos Cearenses" no Teatro Castro Alves, em Salvador, com o patrocínio do Banco da Bahia, 1982.

"Exposição de Artistas Plásticos Baianos", no Mauc, com patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil, 1982.



Cartaz da 18ª Bienal de São Paulo, que exibiu exposição de gravura popular nordestina organizada pelo Mauc

Distinções recebidas

Medalha Personalidade Feminina no Setor de Artes Plásticas, pela Associação Cristã Feminina, Fortaleza, 1972.

Medalha do Jubileu de Prata da UFC, Fortaleza, 1979.

Medalha do Cinquentenário da UFC. Fortaleza, 2004.

Medalha do Mérito Cultural da UFC, Fortaleza, 2021.

Associações

Membro do Conselho Consultivo do Comitê Brasileiro do *International Council of Museums* – ICOM/UNESCO, 1984/88;

Membro da Associação Brasileira de Pintores de Porcelana, ABRAP, Rio de Janeiro;

Membro da Sociedade das Amigas do Livro, Fortaleza

Cursos e eventos acadêmicos

1959 - Curso de Documentação, Departamento de Cultura da UFC, Fortaleza.

1963/64 - Curso de Língua e Civilização Francesa, na Universidade Paris-Sorbonne, Paris.

1971 - Curso de História da Arte, *École du Louvre*, Paris, Fundação Rachel Boyer, Paris.

1981 - Curso de Iluminação e Climatização de Acervos de Museus, promovido pelo *International Council of Museums* (ICOM), Rio de Janeiro.

1987 - I Conferência Internacional dos Museus Brasileiros, sob os auspícios do *International Council of Museums*, Rio de Janeiro.

FLORIANO TEIXEIRA: O artista ecumênico

Larisse Macêdo

“Mas minha pintura é de protesto, eu pinto crianças felizes e saudáveis para mostrar a todos como é que deve ser. Pode-se protestar também mostrando a beleza e não apenas o sofrimento.”

Floriano Teixeira

Floriano de Araújo Teixeira é carinhosamente lembrado por amigos e familiares como alguém que gostava de celebrar a vida. Não era o tipo melancólico e tudo o que sempre pintou e desenhou foi alegre. A história do maranhense, nascido na Vila Cajapió em 08 de março de 1923, tornou-se, conforme definiu seu amigo e artista plástico Jesus Santos, “uma dessas lendas nordestinas faladas de boca em boca, obrigatória em sarau cultural. É a história de um homem de caráter exemplar, coerente, obstinado, que ganhou palmo a palmo o espaço que hoje ocupa no panorama artístico nacional”.

Como destacou o próprio filho, Cristiano, Floriano foi “um artista plástico muito dedicado à sua arte e, graças a isto, consagrou-se no cenário artístico nacional como grande pintor e desenhista”. Ele acrescenta que o pai foi um artista

completo, que explorou diversas manifestações do seu talento universal com uma versatilidade que o fez grande não só na pintura e no desenho, mas também na escultura, no guache, na aquarela, na xilogravura, na serigrafia, na litogravura e na gravura em metal.

Floriano nunca obteve a educação artística formal com a qual tanto sonhou. Sua infância foi de estudos no ensino público e, na sala de aula, seu principal passatempo era copiar com lápis de cor as ilustrações dos livros. Foi na escola tradicional, em 1935, que aprendeu técnicas de desenho com seu professor Rubens Damasceno e, naquele mesmo ano, o artista pintou suas primeiras aquarelas. Foi um autodidata, apesar de preferir não ter sido. É considerado uma dessas raras pessoas a quem foi dada a graça de nascer com o talento para o ofício.

O passar dos anos foi confirmando o que todos já sabiam: Floriano tinha talento para o desenho. Por isso, nunca lhe faltou apoio e incentivo de sua família, mestres e amigos. Seu trabalho começou a receber maior reconhecimento público com as exposições coletivas das quais participava. Em 1941, aos 18 anos, expôs no I Salão de Dezembro, em São Luís, e ganhou o primeiro prêmio com o quadro *Bêbados*. Em 1944, realizou sua primeira exposição individual de desenhos e aquarelas, montada no Salão Nobre do Teatro Arthur Azevedo, patrocinada pela Sociedade de Cultura Artística do Maranhão (SCAM).

Em 1948, ele estreou no IV Salão de Abril, em Fortaleza, expondo um desenho intitulado *Pedro* e uma pintura a óleo, *Retirantes*, que lhe rendeu o primeiro prêmio do evento. Floriano retratou nelas sua preocupação com as questões sociais, tema recorrente em suas obras. Em *Retirantes*, homenageou o Ceará, pintando trabalhadores do campo no cenário da seca do sertão. Já em 1950, recebeu novamente o primeiro prêmio no VI Salão de Abril, com a pintura *O tocador de Ocarina*. A partir daí, Floriano despertou para as possibilidades de crescimento artístico no cenário cearense, decidindo, naquele mesmo ano, partir para o Ceará em busca de uma vida nova.

“Floriano era possuidor de um conhecimento vasto, o que deixava os mais próximos intrigados por saber a fonte de tanta cultura. É que ele gostava muito de ler e de se informar, era muito curioso. Ao ganhar o seu primeiro prêmio num concurso de desenho, aos 18 anos, já dizia que a Livraria Moderna, em São Luís, é que iria lucrar mais. Sua sede por conhecimento o acompanhou a vida inteira. Não era à toa que sua biblioteca possuía um rico acervo de literatura e livros de arte que nunca parava de crescer. Apesar de tanto refinamento, ele tinha uma enorme queda por romances policiais!”

Cristiano Teixeira, em *Floriano Teixeira: o pintor que amava desenhar* (2014)

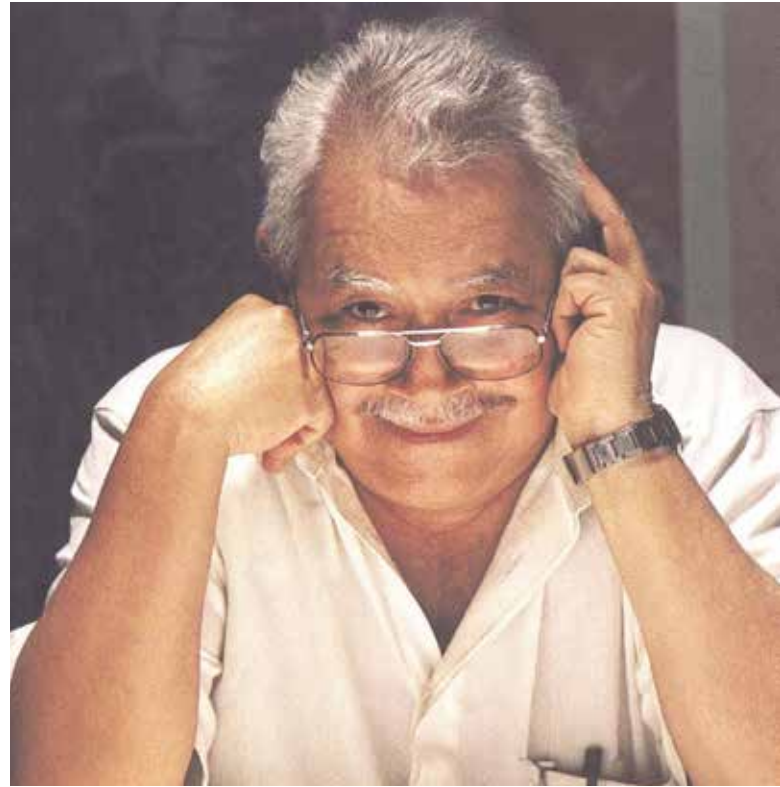


Foto: Saulo Kainuma

Autodidata, o maranhense atuou em Fortaleza antes de seguir para Salvador

Em Fortaleza, o artista teve experiências diversas: engajou-se na imprensa, trabalhando como ilustrador do caderno de literatura e cultura do jornal comunista *O Democrata*, fazendo xilogravuras, desenhos para histórias em quadrinhos e caricaturas. Como desenhista da Defesa Sanitária Animal, viajou pelo interior do Ceará registrando a cultura sertaneja. Já como estampador em fábrica de redes e tecidos de um amigo, teve a chance de aprender a técnica de serigrafia. E foi também professor de desenho, em curta temporada.

Até que, por volta de 1954, iniciou uma nova fase de sua vida, após fazer amizade com o advogado Antônio Martins Filho, o qual, posteriormente, se tornou o Magnífico Reitor da recém-fundada Universidade do Ceará (futura UFC). O talento chamou a atenção de Martins Filho que, sendo um entusiasta das artes, logo se interessou pelo trabalho de Floriano. Em 1956, ele

convidou o artista a juntar-se à sua equipe na Universidade, exercendo as funções de desenhista. Estava lotado na divisão de obras, mas era convocado para servir em seu gabinete, na condição de assessor para assuntos de arte. Nessa qualidade, visitou diferentes pontos do país – notadamente Pernambuco, Rio Grande do Norte, o interior da Bahia, o Cariri e Canindé – coletando material e pesquisando sobre a cultura dessas regiões.

Alguns anos depois, Martins Filho decidiu iniciar o movimento pró-fundação do Mauc – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará e incumbiu Floriano da tarefa de montá-lo em duas semanas e, posteriormente, assumir como diretor artístico, cargo que ocupou de 1961 a 1965. Com a ajuda de outros artistas, Floriano concentrou esforços nessa missão, conseguindo instalar e fazer funcionar o Museu em 17 dias. A idealização desse projeto teve a participação de artistas como Heloísa Juaçaba, Zenon Barreto e Antonio Bandeira, além de outros amigos que apoiaram irrestritamente a iniciativa.

Tendo em mente a proposta de criar um museu de arte que pudesse contribuir com a cultura e a educação artística no estado, Floriano viajou pelo interior do Ceará, adquirindo inicialmente peças de cultura popular para montar o acervo. Coube ao pintor maranhense o papel de principal colaborador nas ações de coleta de estampas de xilogravuras populares para o Museu de Arte da Universidade do Ceará.

Em nova missão, entre os dias 12 e 15 de fevereiro de 1960, Martins Filho delegou a Floriano Teixeira e Lívio Xavier Junior a tarefa de colher, em Juazeiro do Norte, cópias de xilogravuras populares destinadas, inicialmente, à exposição que seria realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A ação de coleta levada a efeito por Floriano e Lívio nas viagens realizadas não se restringiu apenas a cópias de xilogravuras, mas também a aquisição de uma grande quantidade de peças de cerâmica e escultura popular.



Em Movimento, obra de Floriano Teixeira em lápis esferográfico

Já como diretor do Museu de Arte da UFC, em janeiro de 1962, Floriano Teixeira seguiu para uma nova missão na região do Cariri: encomendar a Antônio Lino, Mestre Noza, José Caboclo e Walderêdo Gonçalves a produção dos primeiros álbuns xilográficos. Pode-se deduzir o sucesso obtido por Floriano na obtenção de matrizes, uma vez que, em pouco tempo, este acervo já estava triplicado. Entre as matrizes adquiridas, estão os álbuns: *Os Doze Apóstolos e A Vida de Virgulino Lampião Ferreira*, de Mestre Noza; *A Vida de Padre Cícero*, de Antônio Lino; *As Aventuras de Vira Mundo*, de José Caboclo da Silva, e *Apocalipse*, de Walderedo Gonçalves.

Durante o período em que esteve na Universidade, Floriano dedicou esforços, tempo e pesquisa para a seleção do acervo do Mauc, bem como para a organização de exposições, que vieram logo após a inauguração em 1961, com proeminentes artistas expondo suas obras, como Antonio Bandeira, Raimundo Cela, entre outros

nomes nacionais e estrangeiros. Sua permanência na direção, apesar de breve, foi decisiva para incluir o Museu no cenário artístico-cultural local e nacional.

Também foi Floriano o responsável por divulgar o acervo da instituição, realizando exposições como a da coleção de xilogravura popular, exposta no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1960. Outras mostras aconteceram na Biblioteca Nacional de Paris, em Basileia, na Suíça e na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Em 1961 e 1962, respectivamente, ele promoveu a exposição de xilogravuras populares e guaches de Chico da Silva e fotografias de rendas de bil-ro. Levou duas exposições a Salvador em 1963: *08 artistas do Mauc*, no Museu de Arte Moderna da Bahia, e *Pintores do Nordeste*, no Museu de Arte Popular e Oficinas do Unhão. No ano seguinte, promoveu a exposição do acervo do Mauc na Europa, a convite do Ministério das Relações Exteriores.

Apesar das diversas atribuições assumidas por Floriano ao longo da vida, seu trabalho individual não foi prejudicado, ao contrário. Continuou a produzir mais e melhor, ampliando seu prestígio ao participar de inúmeras exposições

Com a ajuda de artistas, Floriano Teixeira instalou e fez funcionar o Mauc em 17 dias



Sua gestão foi animada pela entrada do Mauc no cenário local e nacional

individuais e coletivas, nacionais e internacionais entre 1941 e 1997 – inclusive no Mauc. No Museu de Arte da UFC, suas obras estiveram presentes na exposição inaugural (1962), em exposição individual no ano de 1969 e em *Artistas da Bahia*, mostra de 1980.

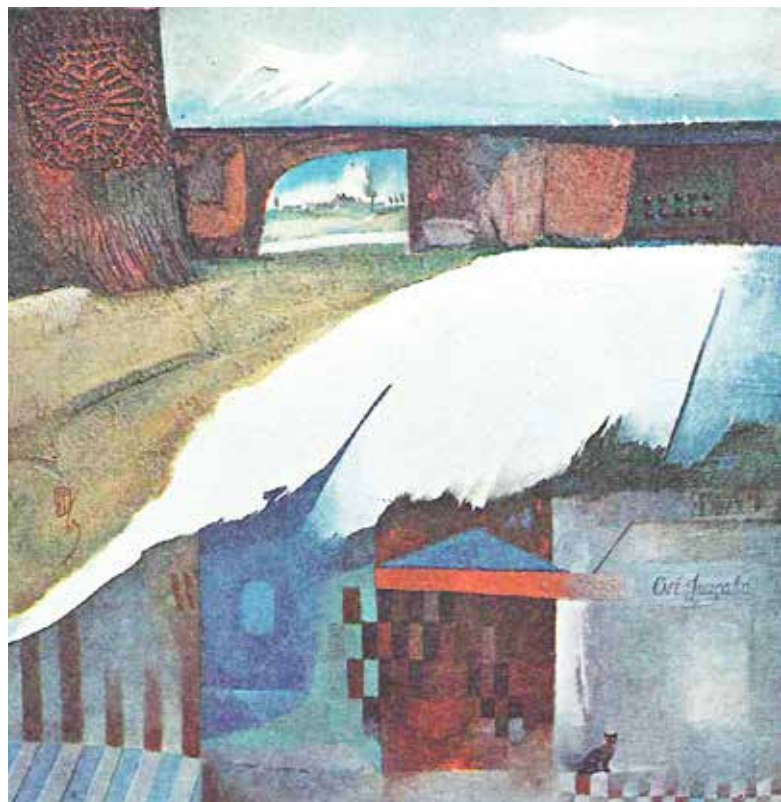
É inegável, portanto, a significativa contribuição de Floriano Teixeira na criação e divulgação do Museu de Arte da UFC no cenário local, nacional e internacional. O pintor colaborou para aquisição de obras, promoveu exposições dentro e fora do

Brasil com xilogravuras populares do Museu, além de trazer importantes artistas para expor no Mauc. Assim, observando essa importante trajetória, em 2018, a direção da instituição decidiu prestar uma justa homenagem ao seu primeiro diretor, dando seu nome à biblioteca do Mauc. O espaço foi criado oficialmente em 2016, através de resolução do Conselho Universitário, passando a se chamar, a partir de então, Biblioteca Floriano Teixeira.

E não poderia ser diferente, considerando ainda o intenso e dedicado trabalho de Floriano na ilustração de livros. Foram dezenas de obras ilus-



A ilustração de livros foi outra especialidade de Floriano Teixeira



O *Dono da Noite* (1969) faz parte da coleção do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

tradas, de autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Zélia Gattai, Milton Dias e muitos outros. Algumas dessas obras ilustradas por Floriano possuem relação direta com o Ceará e com a UFC. Entre elas, destaca-se o número 15 da revista *Clã* (1957), os livros *Sete Estrêlo* (1960), de Milton Dias, e *Sementes* (1990), de Rita de Cássia, publicações da Imprensa Universitária da UFC. Além destas, é possível citar ainda a primeira edição da obra *Pequena História do Ceará*, de Raimundo Girão, publicada pela editora A. Batista Fontenele, em 1953. Todos esses títulos fazem parte do acervo da Biblioteca Floriano Teixeira.

Floriano recebia incessantes convites dos escritores para elaborar e ilustrar suas obras de contos, poesias, crônicas, romances e ensaios. O artista fez ainda capas e ilustrações para obras de Rubem Braga, Guido Guerra, Myriam Fraga, Josué Montello, Bandeira Tribuzi, Judith Grossmann, Antonio Celestino, Ildásio Tavares, Vargas Llosa, Eduardo Campos, entre outros. Ganhou notoriedade, porém, ao ilustrar romances do escritor Jorge Amado.

Em uma das missões oficiais de que foi incumbido pela UFC, Floriano acompanhou a participação do Ceará na exposição de artistas nordestinos em Salvador, onde conheceu Jorge Amado. Impressionado pelo talento do artista, o escritor baiano solicitou ao reitor da UFC, por meio de documento assinado por vários intelectuais e artistas baianos, permissão para que Floriano ficasse uma temporada à disposição da Universidade Federal da Bahia.

Concedida a autorização, o pintor trabalhou, nesse período, na organização e funcionamento do Museu do Unhão. Até que aconteceu um pedido inevitável: sua transferência definitiva para aquele estado. Jorge Amado, Carybé e outros amigos, com grande influência do reitor Miguel Calmon, fizeram a solicitação e Antônio Martins Filho concluiu a transferência de Floriano. Afinal, como o próprio Martins Filho definiu: “Floriano é ecumênico, porque a arte não admite limites telúricos. Foi, é e será universal e eterna, como a mais expressão da beleza”. Assim, em 1965, o artista mudou-se para Salvador e passou a viver exclusivamente de sua arte, em contato com artistas e intelectuais locais, atuando como pintor e desenhista. Lá residiu, contribuindo para enriquecer o cenário das artes plásticas, até falecer em 21 de julho de 2000.

A vida e a obra de Floriano, especialmente sua passagem pela Universidade Federal do Ceará, têm uma relevância significativa para o fomento da arte no cenário artístico-cultural de Fortaleza. Seus esforços, dedicação e empenho para a organização, criação e direção do Museu de Arte da UFC foram decisivos para o sucesso do projeto e para a promoção do acervo. Seus relevantes serviços prestados contribuíram para a divulgação e o desenvolvimento do patrimônio artístico e cultural da Universidade.

O movimento realizado pelo pintor para criar relações com artistas, museus e centros culturais para a realização de exposições, dentro e fora da instituição, e principalmente, para a aquisição do acervo museológico e bibliográfico (do qual desta-



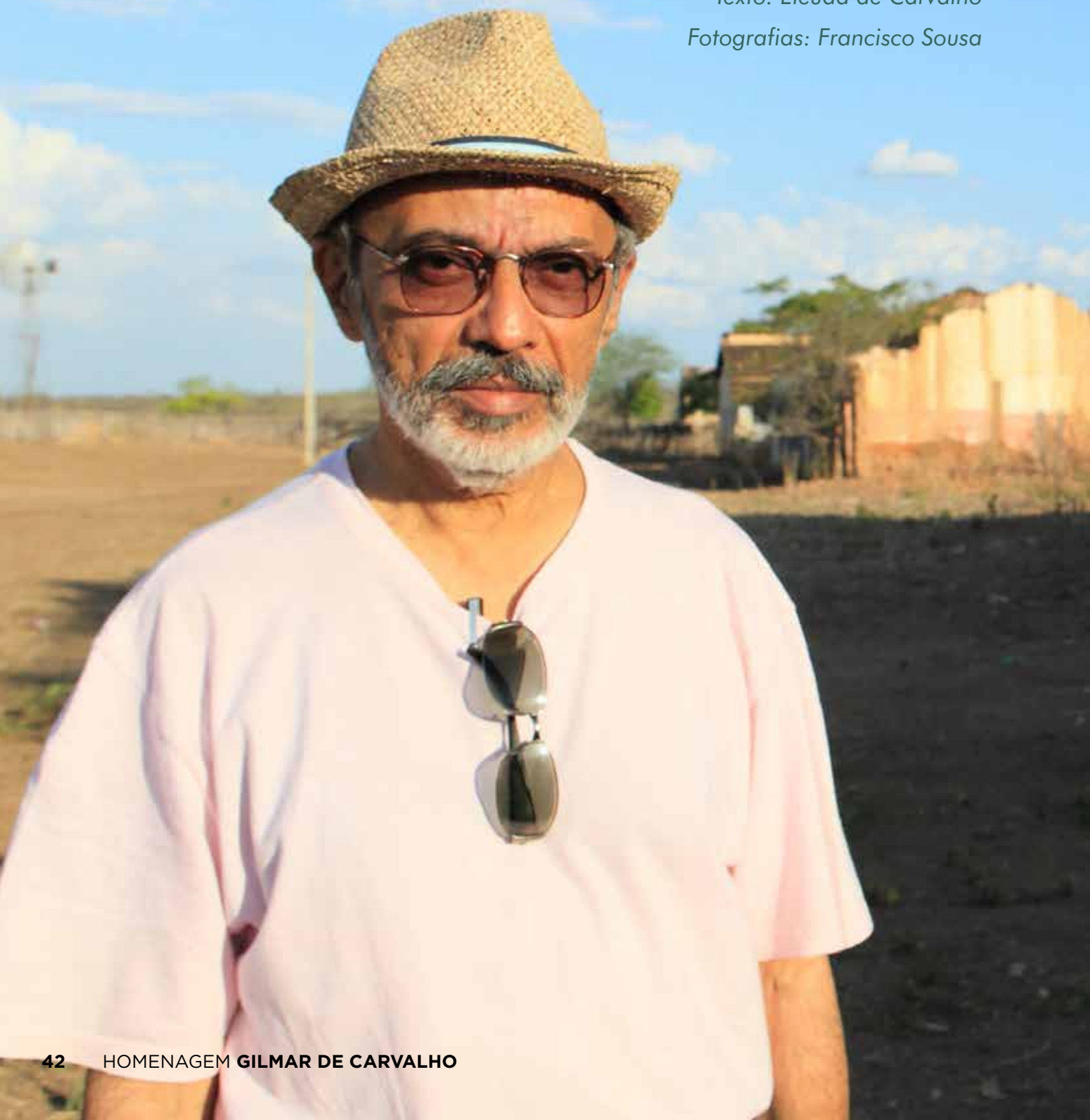
Estudo para as ilustrações do romance *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, na edição da Martins Editora

camos a doação de uma rica coleção de folhetos de cordel para compor o acervo da biblioteca), foi de fundamental importância na afirmação do Mauc como instituição cultural e como lugar de difusão da memória artística. Floriano Teixeira teve uma forte expressão nas artes e, com sua excelência nos diversos gêneros das artes plásticas, nos deixou um impressionante legado. **M**

RAP de rabeca para *Gilmar de Carvalho*

Texto: Eleuda de Carvalho

Fotografias: Francisco Sousa





A partir de uma escrita poética, a pesquisadora discorre sobre uma das principais contribuições de Gilmar de Carvalho para a cultura brasileira. O núcleo de desenvolvimento de uma teoria da periferia pensada pelo escritor, publicitário e professor, falecido em decorrência de Covid-19, estaria em suas obras ficcionais lançadas desde os anos 70

Le dou um doce se você adivinhar. Frase isca, sabor de era uma vez, por saber nunca mais encontrar a criatura numa esquina do Benfica, ou naquele cafezinho no shopping Aldeota, pelos corredores da UFC, nas calçadas da avenida da Universidade. E principalmente aquela irrepetível certa tarde de dezembro na Ilha da Magia, ele na minha banca da tese, trazendo aquelas fitinhas de estive em Juazeiro, lembrei-me de você, bênçãos do Padre Ciço acalmando a hora perigosa de defender o meu peixe escorregadio entre o sertão e o mar.

O doce é arte de Zé de Dedice, na cidade nascida do milagre da beata, Maria de Araújo seu nome. Então, para evocar a figura encantada do mestre Gilmar de Carvalho, sobralense de nascimento, sertanejo universal, preciso transitar entre o tempo e o espaço, mas firmar o marco da encantação no Cariri sagrado, que foi lá nos idos de 2000 onde comi um doce de leite das deusas em sua luminosa companhia.

E aí ele virá sempre, ele vem vindo andando o rebolado contido, meio sorriso entre os lábios que um bigodinho emoldura, mais uma barba gris dos últimos tempos, o todo bem cuidado, a voz firme ironia soberana, a bolsa de couro a tiracolo, pano passado. O ouvido à escuta: em segredo um poema censurado. O derradeiro Cordel inacabado findo. Isso que escrevo em desafio é cantiga de amiga em atropelo, com saudade e em revolta o que tenho a oferecer, desafinada.

Do muito que me lembro dos anos 80, Gilmar de Carvalho era um publicitário afamado, já começando a pesquisar a forte cultura do Cariri pela via do cordel – instigado pela colonização que a mídia anda-

A moldura são os anos 70, ditadura, repressão. E as prateleiras do consumo renovando as novidades.

va fazendo da linguagem popular com as novas tecnologias para o convencimento. Pode a novidade vir da tradição? Mais que uma rima, eis a possibilidade.

Mas a pesquisa que ele engendrou para investigar a cultura estava lançando pistas desde a sua ficção. É ali onde o fio desenrola a teoria periférica que me interessa pensar. A moldura são os anos 70, ditadura, censura, repressão. Guerra fria. E as prateleiras do consumo renovando as novidades. O primeiro livro é de 1973, produção independente, título em latim, heráldica do filho de juiz, do moço formado em Direito, uma crítica feroz na tradução: só existe no plural. O livro inaugural é oferecido a José Gil de Carvalho, com epígrafes de Borges e Clarice. Noções de tédio e inconfissões: “eu não queria lembrar nem esquecer”. A capa, uma bandeira do Japão.

Pluralia tantum – um livro de legendas traz orelhas de Juarez Barroso: “a literatura do Gilmar é uma afirmação de liberdade”, bem definiu. A voz que comanda o desenredo traduz-se em juvenilidades à Rimbaud: “puxe minha máscara e você encontrará cravos e espinhas”. O palavreado da época traça um mapa de signos e máquinas, a cuja fun-

dida, o gravador Sanyo, os acentos circunflexos espargindo chapeuzinhos nos pronomes paroxítonos no meio da página.

Cápsulas e drágeas, viagens, “jato de *spray* a escrever nas paredes”, e o pôster poema sobre pastilhas cerâmicas sob luminárias de acrílico, a fuga em gasolina azul. Duralumínio e Formiplac. Palavras de desordem: “vomite o que você engoliu”. Nesta colagem montagem abre-se o terreiro do imaginário para bater cabeça aos Orixás do Ceará. O possível epitáfio: “esta gargalhada de vitória sobre o século”. Quem riu por último verá.

Em 1977, outra produção independente, aqui o latim é pervertido ao sol do cangaço até a expressão de incitamento às armas reduzir-se a uma palavra só, amalgamada e sertaneja. *Parabélum*, o romance, é dedicado ao escritor e jornalista Juarez Barroso, morto um ano antes, deixando um legado de contos e personagens que ainda precisam ser

democraticamente saboreados, finos biscoitos às massas. A epígrafe, “só me entrego é na morte de parabélum na mão”, da canção tema de Sérgio Ricardo para Deus e o Diabo de Glauber Rocha, define a história que fusiona Jesus Cristo, Lampião e Che Guevara. Te entrega, Corisco. A palavra feito arma. Eu não me entrego não.

Resto de munição, de 1982, foi editado pela Secretaria da Cultura do Estado. Ainda a palavra feito arma para relatar a memória da cidade ao sol do escraço. Na capa, uma tarja vermelha com o título e em preto e branco, a fotografia do artista enquanto jovem, oclinhos redondos, barba, bigode e negra cabeleira. Para começo de história, a força da contradição: “Estivemos durante muito tempo sob censura prévia, é o que dizem”. Como quem quer dizer nada, o corte certo a Machado. De Assis.

O que é um herói? Para que serve o herói? O tema já estava lá no *Parabélum* e aqui a questão

A colonização das linguagens populares pela mídia instigou Gilmar de Carvalho a ir a campo para pesquisar a cultura do Ceará. Na foto, ele conversa com Dona Josefa, mestra da arte das redes de dormir feitas com renda de bilro, em Potengi.



entra no grande espetáculo do circuito da vida periférica, com seus reis de legenda, suas cortes de papelão e vidrilhos, no meio da rua aonde Dom Sebastião vem dançar com o Rei dos Congos, mais uma mulher inesquecida chamada Tânia, as garotas do Sputnik e a diva espilicute Catita France. Quer mais? O escritor preparava o jornalista pesquisador para mediar as múltiplas vozes, os sotaques, os toques, os baques, as rezas, as pragas, os cantos, as poesias, as profecias, os sons os sons os sons os outros sons dessa rabeca que não para de tocar.

Queima de arquivo, de 1983, também edição da Secult, traz um leque de crônicas da cidade armada. Um circo de passagem, uma “poeira danada, sol quente, o terreno baldio”. Passando a limpo o passado. Luísa no andar do andar, no rádio Jerry Adriani, aquela ufanía de alto-falante, “viva a gente,

o agente, viva a juventude bem comportada de todo o mundo”, “viva a empregada lá de casa, no dia que não servir mais, vai pra fora”. E os subversivos infiltrados, a prece poderosa, a caderneta de poupança, os lambe-lambes fazendo três por quatro, fotógrafo de monóculo. A narrativa é uma parábola dançada em salto mortal.

Nesse mesmo 1983, outra vertente forte de Gilmar de Carvalho na cena cultural era reconhecida com a publicação da peça *Vice e versa*, prêmio Estado do Ceará de Teatro, em edição do Grupo Balaio. O teatro nos anos 80, os grupos, as

As estradas levaram Gilmar de Carvalho a vários encontros. À direita, com os artesãos do couro Espedito Seleiro e Antônia Irenilda, em Nova Olinda, e vestindo camisa bordada por Dona Socorro, ladeada por ela e por Estrigas, no Minimuseu Firmeza.



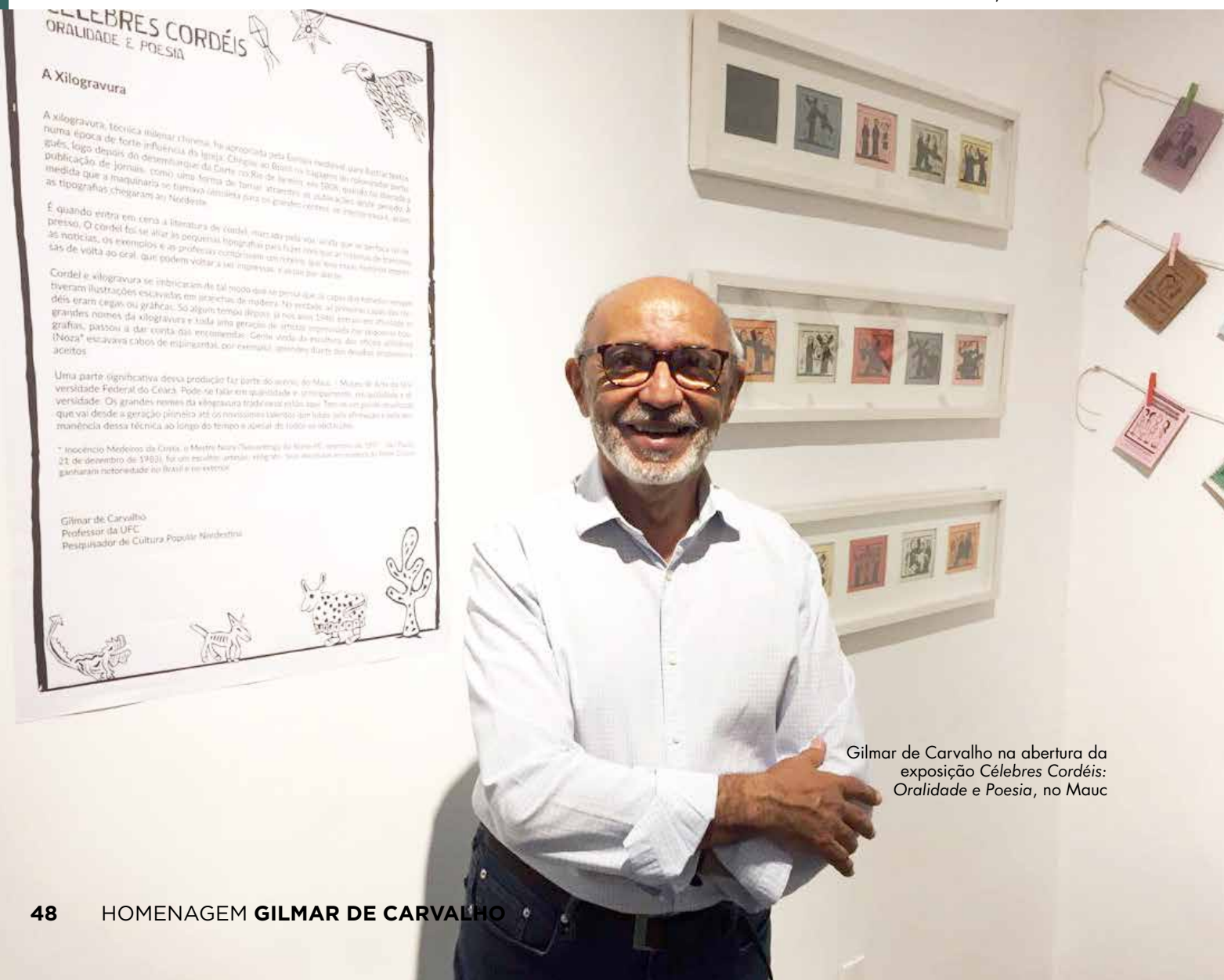


pesquisas radicais que viriam, o Paschoal Carlos Magno, o maravilhoso José de Alencar, o da Emcetetur, o São José, o Teatro Móvel que nunca saiu do lugar, as praças e o meio da rua, sempre. Lembrando Chicó: “não sei, só sei que tive medo”. E a gente iria mesmo assim.

Antes de ir, uma espiada por este corredor adentro de casa a flagrar *Pequenas histórias de crueldade* (Secult, 1987). A epígrafe, uma citação de Caetano Veloso, de perto ninguém é normal.

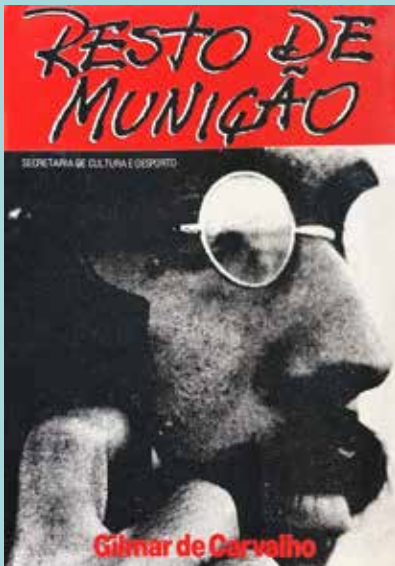
Um momento tropicália, no conto de abertura, *Coração Materno II*. Requite e perversidade em *Haute coiffure*, com o narrador bicha assumida, “e cada vez eu conto de um jeito diferente. Sem falsear”. Detalhes tão pequenos de nós dois. Prova de amor?, ele me chamava de minha putinha. *Voyeur*, o homem de bem, bem família. Canalhas. Pé na estrada, mochila às costas. Gilmar de Carvalho, o mundo vasto te espera. E a gente não esquece. **M**

Foto: Saulo Moreno / Acervo Mauc



Gilmar de Carvalho na abertura da exposição *Célebres Cordéis: Oralidade e Poesia*, no Mauc

OBRAS SELECIONADAS



Resto de Munição
Ano: 1982
Edição: Secretaria de Cultura e Desporto



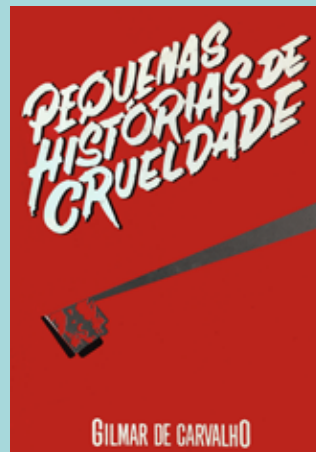
Queima de Arquivo
Ano: 1983
Edição: Secretaria de Cultura e Desporto



Publicidade em cordel: O mote do consumo
Ano: 1994
Edição: Maitese



Parabélum
Ano: 1977
Edição: independente



Pequenas Histórias de Crueldade
Ano: 1987
Edição: Secretaria de Cultura e Desporto



Vice e Versa
Ano: 1984
Edição: Grupo Balaio



Pluralia Tantum: Um livro de legendas
Ano: 1973
Edição: independente

Baixe o app Rádio Universitária FM 107,9.

Você sempre conectado
com a sintonia da terra.



UFC



Baixar na
App Store



DISPONÍVEL NO
Google Play



40 ANOS
Rádio Universitária FM
1981 — 2021

Quantas exposições cabem em 60 anos?

Auricélia França, Graciele Siqueira e Maria Júlia Ribeiro

A cada edição da Revista Mauc, você vai conhecer algumas das mais de 500 exposições e mostras realizadas no Museu. Destacamos dez eventos dessa trajetória de 60 anos, incluindo uma exibição do período Pré-Mauc. Uma listagem atualizada das realizações a partir de 1961 está disponível para consulta pela internet

A exposição dos bens e das referências culturais, dos textos e das narrativas ocupa um lugar central na forma como os museus se comunicam com o público. Também de grande importância é o papel protagonizado pelas ações educativas e comunicação neste nosso novo século. De acordo com a definição apresentada em *Conceitos-chaves de Museologia*, publicação traduzida pelo Conselho Internacional de Museus no Brasil (ICOM-BR), a palavra exposição tem origem no termo em latim *expositio*, termo que no francês antigo, no início do século XII, era *expositiun*. Em suma, tem origem na necessidade de explicar/explicação, expor/exposto, exibir/exibição. As exposições se abrem à sociedade com o objetivo de mostrar, de colocar em evidência e em destaque. São portas e portais que se abrem para o conhecido e o desconhecido, onde novas pontes serão construídas e novos diálogos serão estabelecidos, a partir das nossas leituras, vivências e experiências.

É dentro deste contexto de se colocar em evidência no cenário cultural que a ainda Universidade do

Ceará iniciou, nos idos de 1957, um movimento de transformar o Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Ceará em espaço expositivo, com curadoria sob a responsabilidade do seu fundador e reitor, Antonio Martins Filho. Dois anos após a Universidade iniciar suas atividades educacionais, teve início a exposição *Retrospectiva de Raimundo Cela e Vicente Leite*. Entre 1957 e 1961, neste período que comumente chamamos de Pré-Mauc ou Pré-Museu, foram realizadas dez exposições, além da projeção do *Documentário sobre Van Gogh*, no Salão Nobre da Reitoria. Ressalta-se aqui que, mesmo após a inauguração do seu Museu de Arte, esse espaço continuou a ser palco de mostras artísticas e eventos culturais.

Em 25 de junho de 1961, o Museu de Arte da Universidade do Ceará (Mauc) foi oficialmente instalado na antiga sede do Colégio Santa Cecília. Sua exposição de inauguração contou com obras de Chico da Silva, Raimundo Cela, Sérvulo Esmeraldo, Barrica, Barboza Leite, Estrigas, Heloísa Juaçaba, Inimá de Paula, J. Figueirêdo, Jean-Pierre Chablos, Nearco Araújo, além de xilogravuras de



mestres do Cariri e esculturas da coleção de arte sacra e cultura popular.

Ao longo destes 60 anos de existência e de intensa atuação no campo cultural artístico, o Mauc realizou 545 exposições presenciais e oito exposições virtuais até o fim de 2021 e constituiu o seu circuito de exposições de longa duração – comumente chamadas de permanentes – a partir da formação do seu acervo museológico. Encontram-se abertas à visitação pública as salas dedicadas aos artistas Antonio Bandeira (1968), Aldemir Martins e Raimundo Cela (1979), Chico da Silva (2003), Descartes Gadelha (2006), e à Cultura Popular (2009).

As exposições tornam-se fontes de pesquisas nas instituições a partir das políticas institucionais de preservação e salvaguarda dos conjuntos documentais, produzidos a partir da apresentação pública da mostra. As memórias destas atividades expositivas realizadas nesta instituição – como recortes de jornais e revistas, catálogos, imagens, livros de assinatura – encontram-se organizadas e acessíveis para pesquisa pública em nosso Arquivo Institucional. Além disso, também é possível realizar pesquisas pela internet. Pela seção do site do Mauc dedicada às exposições, tanto as atuais quanto aquelas já realizadas, várias in-

formações e memórias estão disponíveis ao grande público. Pode-se ainda consultar presencialmente os dossiês biográficos dos artistas que possuem sala individual no circuito de longa duração.

Uma planilha de exposições realizadas no Mauc entre 1961 e 2021 está a apenas um clique de distância de pesquisadores. Somam-se à listagem, os registros das mostras ocorridas no Salão Nobre da Reitoria entre 1957 e 1961, cuja história se cruza com a deste Museu. Tal planilha começou a ser organizada em 2009, dentro das ações de pesquisa deste Museu para nossas atividades de 50 anos, e continua sendo atualizada anualmente. Sua elaboração contou com os seguintes profissionais: Auricélia França Reis, Graciele Karine Siqueira, Maria Júlia Ribeiro e Pedro Eymar Barbosa Costa. Durante o período pandêmico de 2020 a 2021, contamos ainda com a servidora terceirizada Natália Jéssica Batista da Silva. Em 2010, destacamos a participação dos bolsistas de extensão Emanuela Vieira de Oliveira e Francisco Felipe Sampaio Rodrigues e dos bolsistas de Iniciação Acadêmica Mayara de Souza Ferreira, Mikelle Sousa do Carmo, Samuel Freitas Holanda e Yara Maria Esteves Gomes nas pesquisas produzidas pelo Mauc. **M**

EM CATÁLOGO

A cada edição da Revista Mauc, você vai conhecer algumas exposições realizadas nesta casa

Retrospectiva Pintores Cearenses - Raimundo Cela e Vicente Leite

22 a 25 de junho de 1957



Vinte e nove obras de Raimundo Cela, entre óleos, aquarelas, gravuras e desenhos, e dezoito óleos de Vicente Leite foram expostos no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Ceará. A orientação geral foi do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho.

Exposição de Instalação

25 de junho de 1961



O dia da instalação oficial do Mauc foi marcado pela exposição de inauguração, que contou com peças da coleção Gravura e Arte Popular, da própria instituição. Também foram expostas obras dos artistas plásticos Francisco da Silva, Raimundo Cela, Sérvulo Esmeraldo, Barrica, Barboza Leite, Carmélio Cruz, Estrigas, Heloísa Juaçaba, Inimá de Paula, J. Figueirêdo, Jean-Pierre Chablos, Lúcia Galeno, Nearco Araújo, R. Garcia, R. Kampos, W. Catunda.

I Salão de Pintura Infantil no Mauc

27 de maio a 15 de junho de 1966



Inteiramente livres e espontâneas, as 64 obras apresentadas foram criadas por crianças com idades entre 4 a 11 anos, estudantes do nível primário de treze colégios públicos e particulares da capital cearense. As peças expostas foram selecionadas a partir de um conjunto de 300 exteriorizações gráficas e pictóricas. Colagens, desenhos a lápis comum, lápis de cor, lápis-cera, aquarela e guache foram alguns meios de expressão usados pelos pequenos artistas.

mauc

REMBRANDT
REMBRANDT
REMBRANDT

Heliogravuras de Rembrandt

06 a 24 de setembro de 1966

Considerado um dos mais notáveis pintores realistas holandeses de sua época, o artista esteve presente por meio de 48 heliogravuras de sua autoria. A mostra contou com obras cedidas por colecionadores locais e pelo conjunto pertencente ao acervo da Universidade do Ceará, futura UFC.

11 Artistas da Bahia

27 de novembro a 10 de dezembro de 1980



Juntamente com a Universidade Federal da Bahia, o Mauc realizou uma exposição de artes plásticas com a participação de onze artistas: Carybé, Mário Cravo Júnior, Calasans Neto, Fernando Coelho, Jenner, Juarez Paraíso, Sante Scaldaferrri, Carlos Bastos, Floriano Teixeira, Emanuel Araújo e Mirabeau. Em pinturas, gravuras e desenhos, eles mostraram o feitiço, a beleza, a sensualidade, a magia e a alma do povo baiano. A solenidade de abertura da exposição teve a presença do reitor da UFBA, Fernando Macedo Costa, e de Paulo Elpídio de Menezes Neto, reitor da UFC.

30 Anos de Atividades Artísticas de Zé Tarcísio

07 a 30 de novembro de 1990

A Universidade Federal do Ceará homenageou o artista José Tarcísio com uma exposição retrospectiva abrangendo três décadas de suas atividades. Foram exibidos ao público gravuras, desenhos, pinturas, esculturas e objetos do artista, nascido em Fortaleza em 1941.



Venha se Perder - Labirinto da Arte e da Vida

12 de agosto a 10 de setembro de 2004

Primeira do gênero do Brasil, a tese de doutorado coletiva de Andréa Havt Bindá, Eduardo Loureiro Júnior e Fabiano dos Santos Piúba, desenvolvida na Faculdade de Educação da UFC, foi transformada em exposição interativa. O Museu foi transformado em um labirinto, em que se tinha contato com temas como o trânsito nas grandes cidades, as veredas do sertão, um lugar desconhecido, a complexidade da vida moderna, o fluxo do pensamento, os encontros e desencontros do amor. Artistas e profissionais de diversas áreas criaram situações a serem percorridas e experimentadas de forma livre pelo visitante. Uma oportunidade para se divertir, aprender, se emocionar, interagir, se perder e se encontrar.



Foto: Pedro Humberto / Acervo Mauc

Patativa Centenário

09 a 27 de novembro de 2009

A história de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, foi contada por meio de uma seleção de fotografias, xilogravuras e palavras. A exposição aconteceu durante o II Festival UFC de Cultura, com curadoria de Pedro Eymar Barbosa. O público contemplou xilogravuras de João Pedro e fotografias do vasto acervo do premiado Tiago Santana. Na ocasião, ocorreu o lançamento do livro *Patativa em sol maior: 13 ensaios sobre o poeta pássaro*, sob a organização Gilmar de Carvalho, pesquisador de tradições populares e professor do curso de Comunicação Social da UFC.



Foto: Júnior Panela / Acervo CCM

Espedito Seleiro de Couro e Alma

13 de agosto a 28 de setembro de 2019

A mostra comemorativa dos 80 anos do mestre Espedito Seleiro abordou desde a paisagem do Cariri até as técnicas de manuseio do couro e de feitura dos moldes que dão forma à matéria sertaneja. A exposição artístico-histórica foi pensada, projetada e coordenada por Tania Vasconcelos, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo e Design. Realizada no mês em que se celebra o Folclore e a Cultura Popular, ela é uma das mais recentes exibições de uma trajetória que começa nos idos de 1958, quando a primeira mostra sobre Cultura Popular ocorreu no Salão Nobre da Reitoria, com o acervo que posteriormente integraria a coleção do Mauc.



Fotos: Acervo Mauc



Arte em tempos de Covid-19

15 de abril a 14 de junho de 2020

Quando veio a pandemia, o Mauc suspendeu suas atividades presenciais. No entanto, seguiu com os trabalhos remotamente e rapidamente realizou esta exposição virtual, a primeira nessa modalidade em sua história. As inscrições foram voltadas a artistas cearenses ou residentes no Ceará, que puderam expor obras em escultura, fotografia, ilustração, arte digital, bordado, charge e performance. Os trabalhos artísticos foram criados a partir de 15 de março de 2020, data em que foi iniciada a quarentena no Estado e quando se confirmaram os primeiros casos de coronavírus.



Acima (da esq. para a dir.),
Feira de domingo na Avelino,
fotografia de Cláudio Rodrigues;
Oceano de Estorvos, óleo sobre
tela de Nataly Olivier; e *Abraço*,
infogravura de Sérgio Helle.
Ao lado, *Sairá-militar*, óleo sobre
tela de Mário Sérgio Freitas.

DEPOIMENTO

Henrique Barroso e o Mauc

Pedro Eymar



Henrique Barroso, primeiro museólogo do Mauc, dando aula na instituição

No ano de 1989, inicia-se no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará uma intensa atividade de exposições, parcerias e visitas. Os fantasmas das goteiras tinham sido espantados por um novo sistema de cobertura. Os novos equipamentos de ar-condicionado restauraram o ar respirável e o clima ameno. As barras de alumínio vertical, de influência italiana, foram retiradas das salas, dando liberdade às paredes. Por um tempo, todas as salas permanentes tornaram-se temporárias. Um circuito imenso de paredes brancas sonhava com exposições. Lá fora, a comunidade artística, com seus campos de criação em plena safra, rondava os espaços claros do Museu, em busca de visibilidade. E o Museu abriu suas portas. As exposições brotaram em sequência e os visitantes chegaram, em romaria. Havia semanas com quatro vernissages. Havia momentos em que uma exposição ocupava todas as salas. Exposições singulares, individuais, coletivas.

Havia um consenso da imprensa e da sociedade sobre a vitalidade e a qualidade desses eventos, desse fluxo de exposições bem montadas. Comendas e prêmios chegaram até o Mauc. Mas, neste cenário de conquistas existiu um personagem, presente em todas elas. Por seu livre-arbítrio, quis ser anônimo, ficando quase à margem dos festejos e das homenagens.

Refiro-me a Henrique Barroso, museólogo sensível, com a arte a correr na alma e nos olhos. Vivia na reserva técnica, cuidando do acervo, de sua organização, do livro de tombo, do aprimoramento das fichas catalográficas.

Mas Henrique Barroso discretamente circulava por todas as salas, envolvia-se com todas as exposições. E era mágico. As exposições cresciam ao toque de suas interferências. Sabia compor. Sabia harmonizar sensivelmente obras, objetos, piso, paredes, teto, cores, catálogos, cartazes e convites. Sabia, enfim, revelar a essência de cada exposição.

Ao Henrique Barroso, minha gratidão pela convivência e minhas homenagens por seu talento e dedicação.

Pedro Eymar é artista plástico, com formação em Arquitetura e Urbanismo pela UFC e especialização em Conservação e Restauração em Bens Culturais pelo Cecor, da Escola de Belas Artes da UFMG. Foi diretor do Mauc entre 1987 e 2018.

A UNIVERSIDADE CRIA CAMINHOS PARA O CONHECIMENTO E A IMPRENSA UNIVERSITÁRIA CONSOLIDA OS ALICERCES



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Disseminar e fortalecer o meio
editorial com identidade organizacional,
cultura regional e saber universal:
esse é o nosso papel.



Produzindo e salvaguardando o patrimônio sonoro

Você sabia que a UFC possui 50 equipamentos em seu universo de museus e coleções? Um dos resultados do I Seminário Museus e Coleções da UFC, promovido pelo Mauc em 2021, foi um livro digital sobre esse diversificado conjunto. Nesta edição, conheceremos um pouco mais o acervo sonoro da Rádio Universitária FM 107,9

O incêndio no Museu Nacional em 2018, no Rio de Janeiro, revelou a urgência da necessidade de inventariar, diagnosticar e compreender as dinâmicas das coleções e dos museus universitários. Diante do desconhecimento sobre o patrimônio musealizado e musealizável sob responsabilidade das universidades federais, o Tribunal de Contas da União (TCU) orientou a identificação desses espaços nas estruturas das instituições federais de ensino superior, para observar suas vulnerabilidades e estabelecer ações que evitem mais perdas de bens culturais no país. Uma das medidas tomadas, por exemplo, foi a criação do Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais.

Essas discussões em âmbito nacional foram consideradas pelo Mauc na hora de pensar sua participação na edição de 2021 da Semana de Museus no Brasil, coordenada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Em articulação com a Secretaria de Cultura Artística da UFC e o Memorial da UFC, o Mauc realizou o *I Seminário Museus e Coleções da UFC - Reflexões Contemporâneas no âmbito*

do Programa de Extensão Museu de Arte: Uma nova recepção. Entre 18 e 21 de maio, uma série de atividades teve como tema central o futuro dos museus: como recuperá-los e reimaginá-los?

Representantes das coleções e museus da Universidade se reuniram com profissionais reconhecidos do campo dos museus e da museologia para uma ampla discussão sobre o patrimônio localizado no âmbito universitário brasileiro, abrindo o diálogo entre espaços de preservação do patrimônio universitário da UFC. Um dos resultados do encontro foi a publicação de três volumes do livro digital do evento, trazendo informações sobre um conjunto composto por quatro arquivos, oito bibliotecas e acervos especiais, dezesseis coleções didáticas e científicas, duas coleções lúdicas, quatro fazendas e áreas de preservação, seis instâncias de preservação e gestão, além de dez museus e memoriais.

A cada edição da Revista Mauc, vamos conhecer melhor um desses equipamentos. Iniciamos esta seção com a Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM), que comemorou seus 40 anos de transmissões em 2021.



Fotos: Ribamar Neto / CCM UFC

Acompanhando a mudança das mídias

Uma das primeiras emissoras de frequência modulada de Fortaleza, a Rádio Universitária FM 107,9 foi criada em 22 de fevereiro de 1981 e inaugurada em 15 de outubro do mesmo ano. O contexto era de mobilização da Universidade Federal do Ceará para atender aos anseios sociais de ampliação do diálogo no âmbito da comunidade universitária e da sociedade. Como canal de radiodifusão, a RUFM traz em sua gênese o firme compromisso com a vocação da UFC: além de oferecer formação profissional de alta qualificação, destaca-se pela contribuição com o desenvolvimento regional, produzindo e difundindo conhecimento e dando apoio a importantes pautas que mobilizam a sociedade.

Emissora vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), parceira da UFC, a Rádio Universitária FM 107,9 destaca-se na radiodifusão educativa pela pesquisa, registro sonoro, preservação e divulgação das manifestações artísticas, culturais e científicas. Assim, acabou tornando-se um espaço de referência para visitas de pesquisadores e estudantes de universidades e de ensino fundamental e médio, tanto de escolas públicas quanto privadas.

Um de seus principais eixos de atuação, que nor-teiam a programação e ao mesmo tempo impulsio-nam a articulação com a comunidade universitária e com a sociedade, é orientado ao seu acervo. O projeto Memória da RUFM foi criado em 2007, visando digitalizar todo o acervo da emissora: mais de 3.000 fitas magnéticas, 17.000 documentos variados e 100 mil músicas em CDs e vinis (LPs e outros formatos). A ideia é formar um Centro de Memória cujo objeti-vo principal seja constituir-se como fonte de pesquisa, com obras raras da música brasileira e internacional e um extenso número de programas, séries especiais, debates e entrevistas de reconhecido valor histórico.

Alguns frutos deste trabalho já estão à disposi-ção do público por meio do site da emissora, que mantém uma seção dedicada a esses materiais. Pela internet, já se pode acessar documentos sono-ros importantes, como entrevistas exclusivas com personalidades como Paulo Freire e Belchior. O acervo conta ainda com as vozes de Celso Furtado, Patativa do Assaré, Amelinha, Maria Luíza Fontenele, Dom Aloísio Lorscheider, Moreira Campos, Martins Filho, Gilmar de Carvalho, dentre vários outros nomes de expressão.

Se a qualidade do áudio ouvido por meio da in-ternet é alta, isso se deve ao fato de que os registros foram feitos em fitas de rolo. Elas são magnéticas,

assim como as conhecidas fitas cassete, mas as primeiras oferecem maior qualidade de áudio do que o padrão K7, tanto pela largura da fita quanto pela velocidade com que ela passa pelo cabeçote (leitor), proporcionando uma melhor relação sinal-ruído. Porém, são necessários cuidados especiais para evitar que fitas de rolo se deteriorem. E além de cuidar delas, é preciso também zelar pelos aparelhos tocadores dessas mídias. Sem eles, as gravações de áudio não podem ser reproduzidas. É crescente a percepção da importância de preservar documentos sonoros tanto quanto se conserva textos, objetos e peças pictóricas. Os registros sonoros também carregam em si uma parte considerável da memória coletiva e nos oferecem pistas para compreender melhor nossa história.

As primeiras tecnologias de gravação modernas datam do fim do século XIX, criadas depois da fotografia e antes do cinema. Ao longo do tempo, muitas foram as mudanças técnicas ocorridas na fonografia. A Rádio Universitária FM 107,9 passou por várias dessas transições, ao longo de seus 40 anos de transmissões. No início dos anos 1980, quando iniciou suas atividades, a RUFM servia-se bastante de vinis, principalmente os chamados LPs (*long play*). Naquele momento, entretanto, o CD (*compact disc*) já estava em ascensão no mercado fonográfico, e também passou a ser utilizado. Foi assim que padrões analógicos e digitais ficaram em operação, ao mesmo tempo. No começo dos anos 2000, foi o momento de aposentar

as mídias analógicas, que ficaram longe do manuseio cotidiano com a digitalização de uma parte considerável das músicas contidas nelas.

Houve, então, a implementação de um sistema informatizado para o controle da programação musical e jornalística. Este foi um período de muitas adaptações, uma vez que o repertório colocado no ar pela Rádio Universitária FM 107,9 caracteriza-se por ser muito mais volumoso e diversificado do que a maioria das emissoras de rádio. É comum que uma emissora comercial trabalhe com um número de faixas que não passe de algumas centenas, enquanto a RUFM lança mão de milhares de fonogramas diferentes para compor sua programação. Foi preciso até visitas locais da equipe de desenvolvedores do programa de automação para que a empresa de tecnologia entendesse as demandas específicas de um veículo de radiodifusão universitário plenamente atuante em sua missão educativa.

Nos últimos 40 anos, a Rádio Universitária FM 107,9 vem produzindo valiosos registros sonoros que nos dizem muito sobre o Ceará e sobre a vida social de sua capital, assim como sobre o próprio dinamismo da comunidade acadêmica do estado. Por meio de ações voltadas ao seu acervo, a emissora vai além de sua função de divulgar manifestações artísticas, culturais e científicas, passando a dedicar-se também ao resguardo e à salvaguarda de uma coleção sonora acessível à sociedade. **M**



LP é a abreviação de *long play*. Este disco de vinil diferencia-se dos chamados compactos, pequenos discos de vinil de sete polegadas. Mais baratos, os compactos foram por algum tempo uma alternativa ao LP, de mais longa duração. Havia o compacto simples, trazendo uma música de cada lado, e o compacto duplo, com o total de quatro faixas. O compacto pouco tem a ver com o *compact disc*, o CD. Este último não apenas comporta mais de 70 minutos de áudio, como é digital – ou seja, opera por código binário – enquanto os discos de vinil são de tecnologia analógica.

DESTAQUES DO ACERVO

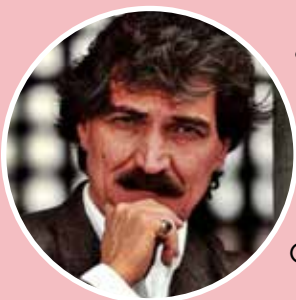


“No primeiro Salão de Abril, tivemos Raimundo Cela como artista mais velho. Uma participação valiosa, porque ele já havia sido premiado pelo Salão Nacional de Belas Artes.”

Estrigas, artista plástico e pesquisador
Programa Opinião, 1986

“Nosso esforço é a preservação de dunas, lagoas e a construção, brevemente, de um grande parque na área da Cidade 2000 e do Papicu.”

Maria Luíza Fontenele, ex-prefeita
Programa Opinião, 1986

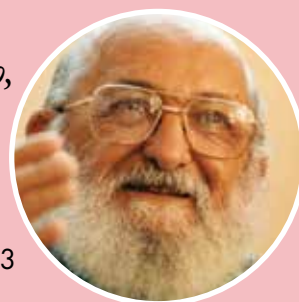


“Minha música se pretende autobiográfica, contemporânea e nordestina. Mostra a viabilidade de uma nova música vinda do Nordeste, especialmente do Ceará.”

Belchior, cantor e compositor
Caminhos da Cultura, 1982

“A educação não é neutra. Quando alguém se declara neutro, usa isso para esconder a opção. Toda neutralidade afirmada é sempre uma opção escondida.”

Paulo Freire, pedagogo
Programa Opinião, 1983



“Não tenho nenhum sentimento religioso, talvez infelizmente. Ao mesmo tempo, tenho um dos maiores títulos do candomblé da Bahia. Sou um dos doze obás.”

Jorge Amado, escritor
Reouvindo o Nordeste, 1982

Uma marca cor de bronze

Para destacar 2021 como um ano de grandes celebrações para o Museu de Arte da UFC, foi desenvolvida a marca comemorativa dos 60 Anos do Mauc. Ela não só acompanhou as atividades durante todo o período festivo como também, ao final dele, ainda recebeu destaque no Brasil Design Award, maior premiação do design nacional

Estamos de parabéns! Para comemorar as seis décadas de atuação do Museu de Arte da UFC em 2021, nada como uma marca especial para destacar o que foi vivido e produzido neste momento. As cores das obras do pintor Raimundo Cella (1890-1954) e as formas de losango contidas no logotipo do Museu foram as inspirações para o designer Samuel Furtado criar a identidade visual, além de um novo alfabeto tipográfico e diversas outras aplicações gráficas.

O conceito da marca – *Nossa arte é presente* – foi adotado a partir do esforço do Mauc de estar presente na vida das pessoas da comunidade acadêmica e também da sociedade do Ceará. “A arte cearense está presente no Museu, e o Museu é um presente para o estado do Ceará e para a UFC. Fazemos reflexões sobre passado, presente e futuro, e homenageamos o Mauc como a joia da Universidade”, explica o designer, que teve a parceria de Regys Lima nas aplicações da marca em 3D.

O trabalho acabou conquistando a medalha de bronze na maior premiação do design nacional. O Brasil Design Award reuniu as melhores produções em design do país de 2020 e do primeiro semestre deste ano. O evento é promovido desde 2009 pela Associação Brasileira de Empresas



Samuel Furtado, designer da CCM UFC

de Design (ABEDESIGN). Nesta 11ª edição, houve o recorde de 1.624 inscrições oriundas de todas as regiões do país. No total, 312 projetos saíram vencedores, em 10 categorias principais. A marca *MAUC 60 anos* recebeu o bronze na categoria Design Gráfico, subcategoria Marca de Produto ou Serviço.

“Foi a primeira vez que participei do Brasil Design Award, e deu certo. O que é legal é que essa



premiação é muito voltada para grandes agências. Ver o setor público concorrendo não é tão comum. Para mim, o mais relevante é estar representando a Universidade”, comemora Samuel. Servidor técnico-administrativo da UFC há apenas três anos, ele é graduado em Publicidade e Propaganda na UFC e faz parte da equipe da Coordenadoria de Comunicação e Marketing, mais conhecida pelo grande público como UFC Informa.

Ter a marca comemorativa dos 60 anos do Mauc entre os finalistas do BDA realça o reconhecimento de Fortaleza como cidade criativa do design pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A nova marca também dialoga com o lema “o Universal pelo Regional” e o conjunto de ideias propostos pelo reitor Martins Filho, fundador da Universidade, em meados do século XX. A conquista traz ainda mais visibilidade ao Mauc, à UFC e ao Nordeste, deslocando o olhar do centro do país para outras regiões, tendo em vista que se trata de uma premiação nacional. **M**

Equipe Editorial

Graciele Siqueira – Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2005), em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Graduada em Museologia (UniRio, 2005) e especialista em Gestão Cultural (UVA, 2019).

Larisse Macêdo de Almeida – Bibliotecária formada pela Universidade Federal do Ceará (2013), pós-graduada em Pesquisa Científica pela Universidade Estadual do Ceará (2016), mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Ceará (2019). Atualmente é bibliotecária-documentalista no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, responsável pelo gerenciamento da Biblioteca Floriano Teixeira do Museu de Arte da UFC.

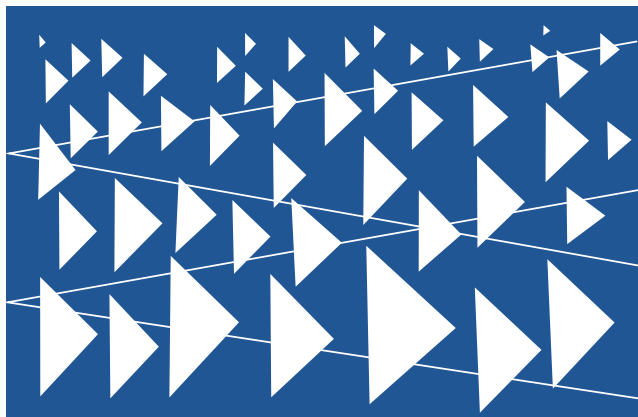
Saulo Moreno Rocha – Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016). Mestre em Museologia e Patrimônio (UniRio/MAST, 2018). Atualmente exerce o cargo de museólogo no Museu de Arte da UFC (Mauc), responsável pelo Núcleo Educativo.

Thaís Amorim Aragão – Jornalista graduada na Universidade Federal do Ceará, é mestre em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS, 2012) e doutora em Comunicação (UNISINOS, 2018), com estágio doutoral na Escola de Mídias, Artes e Design da Universidade de Westminster, Londres. É produtora cultural da UFC, onde produz os programas Música Erudita e Zumbi, transmitidos pela Rádio Universitária FM 107,9.

Thiago Nogueira de Freitas – Contramestre em artes gráficas do Museu de Arte da UFC. Responsável pela diagramação, criação de peças gráficas e das publicações editoriais do Mauc.

Colaboradora

Eleuda de Carvalho – Doutora em Literatura (UFSC, 2012) e mestre em Letras – Literatura Brasileira (UFC, 1998). Jornalista graduada na Universidade Federal do Ceará, foi repórter de cultura do jornal O Povo e servidora técnico-administrativa da UFC, onde atuou na Rádio Universitária FM 107,9 até se tornar professora adjunta do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, hoje aposentada.



Para criar a obra da capa da Revista Mauc, Francisco Bandeira inspirou-se no mural abaixo.



Foto: Éden Barbosa / Memorial da UFC

Mural de Zenon Barreto na fachada do Mauc,
à Avenida 13 de Maio, voltado para
a Avenida da Universidade



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA



PORTFÓLIO

DE AÇÕES
CULTURAIS





UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
SECRETARIA DE CULTURA